

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE
NO PERÍODO DE 1970 A 2000**

ANA JACIRA DOS SANTOS

NATAL-RN

2002, 1

ANA JACIRA DOS SANTOS

AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela Professora Denise Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Professora Maria Conceição Guilherme Coelho.

NATAL-RN

2002

*Pelos caminhos da América há tanta dor, tanto pranto,
nuvens, mistérios, encantos, que envolvem nosso caminhar.
Há cruzeiros beirando a estrada, pedras manchadas de
sangue, apontando como setas que a liberdade é pra lá!...*

*Pelos caminhos da América, há monumentos sem rosto!
Heróis pintados, mau gosto; livros de história sem cor,
caveiras de ditadores, soldados tristes, calados,
com olhos esbugalhados, vendo avançar o amor!*

*Pelos caminhos da América, há mães gritando qual loucas.
Antes que fiquem tão roucas, digam aonde acharão
seus filhos mortos, levados na noite da tirania!
Mesmo que matem o dia, elas jamais calarão!*

*Pelos caminhos da América, no centro do Continente,
marcham punhado de gente com a vitória na mão!
Nos mandam sonhos, cantigas, em nome da liberdade.
Com o fuzil da verdade combatem firme o dragão!*

*Pelos caminhos da América, bandeiras de um novo
tempo vão semeando no vento frases teimosas de PAZ!
Lá, na mais alta montanha há um pau d'arco florido;
um guerrilheiro querido que foi buscar o amanhã!*

*Pelos caminhos da América, há um índio tocando flauta,
recusando a velha pauta que o sistema lhe impôs.
No violão, um menino, e um negro toca tambores.
Há sobre a mesa umas flores pra festa que vem depois!*

(Zé Vicente)

AGRADECIMENTOS

Como todos os eventos da vida, este também não foi vivido sozinho. Quero começar destacando o importante papel desempenhado pela Prof^a Conceição, tanto pela orientação como também pelos estímulos e solidariedade.

Existem também aquelas pessoas que foram apoio constante às quais não poderia deixar de agradecer o apoio dado nas horas mais difíceis e árduas. D. Loura e Seu Pedro, meus pais, pela compreensão e acolhida durante todo esse tempo; Vânia pelo apoio material, incentivo constante e que nunca mediu esforço para estar a meu lado sempre que precisei; Jaide, minha irmã, pela digitação e revisão; os amigos e as amigas das comunidades que sempre me motivaram e sem a presença deles e delas não teria realizado esse trabalho.

SIGLAS E ABREVIATURAS

ACB	Ação Católica Brasileira
ACPO	Ação Cultural Popular
AP	Ação Popular
CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
EN	Evangelii Nuntiande (Exostação Apostólica)
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
ISER	Instituto Superior de Religião
JAC	Juventude Agrária Católica
JEC	Juventude Estudantil Católica
JFC	Juventude Feminista Católica
JMC	Juventude Masculina Católica
LBA	Legião Brasileira de Assistência
MEC	Movimento de Educação de Base
REB	Revista Eclesiástica Brasileira
SAR	Serviço de Assistência Rural
SERAS	Serviço de Reeducação e Assistência Social
TLC	Treinamento de Líderes Cristãos

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	07
2 - CONTEXTO HISTÓRICO	10
2.1 - Concílio Vaticano II	10
2.2 - Conferência de Medellín	12
2.2.1 - De Medellín a Puebla	14
2.3 - Conferência de Puebla	15
2.4 - Conferência de Santo Domingos	18
3 - PERFIL DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NA CONJUNTURA NACIONAL	21
3.1 - Articulação das Comunidades - período de 1970 a 2000	22
3.1.1 - A Conjuntura política no Brasil nos anos 70	22
3.1.2 - Os Intereclesiais da década de 70	23
3.1.3 - A conjuntura política e eclesial dos anos 80	27
3.1.4 - Os Intereclesiais da década de 80	30
3.1.5 - A conjuntura política e eclesial dos anos 90	36
3.1.6 - Os Intereclesiais da década de 90	40
4 - A IGREJA DE NATAL E SUAS ORGANIZAÇÕES	47
4.1 - Estratégia de atuação das CEB's e sua articulação	50
4.2 - As CEB's e a cultura moderna	52
4.3 - A atividade sócio-política das CEB's de Natal	55
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6 - FONTES	60
7 - BIBLIOGRAFIA	61
8 - ANEXOS	63

1 - INTRODUÇÃO

“Para fazer uma obra de arte não basta ter talento, não basta ter força, é preciso viver um grande amor.”

Wolfgang Amadeus Mozart

As Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), inspiradas no processo de renovação pastoral do Concílio Vaticano II, representam uma das mais importantes inovações no campo católico. Tanto por sua fundamentação bíblico-teológica, quanto por sua atuação junto aos movimentos populares. Elas são formadas por pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos.

Criadas no Brasil durante a década de 60, logo se desenvolveram com notável crescimento nos anos 70 e 80. Hoje as CEB's podem ser encontradas em toda a América Latina e particularmente no Brasil. Pesquisas realizadas em âmbito nacional permitem estimar seu número em cerca de 80.000 comunidades¹. Enquanto seu enraizamento local provoca grande diversidade entre elas, sua inspiração numa eclesiologia de comunhão e participação garante sua unidade na mesma caminhada.

Recentes estudos pluridisciplinares² baseados em pesquisas realizadas em várias dioceses brasileiras, evidenciam essa originalidade das CEB's como uma nova forma de ser Igreja. Tal originalidade não poderia deixar de provocar controvérsias numa instituição pouco aceita a grandes mudanças, como é a Igreja Católica. Embora as CEB's tenham sido legitimadas pelo magistério eclesiástico ao encontrarem acolhida, não somente em documentos episcopais como também em documentos pontifícios, ainda são consideradas por importantes setores da Igreja como um entre os demais “movimentos” do laicato católico. No seio dessa controvérsia é produzida tanto a reflexão teológica das próprias CEB's quanto das autoridades eclesiásticas: o que são as CEB's? o que fazem? qual sua missão no mundo atual?

Para encontrar respostas a tais questões é indispensável basear-se sobre dados empiricamente fundamentados e teoricamente sistematizados, que permitem ir além de uma

¹ VALLE, Rogério e PITTA, Marcelo. Comunidades Eclesiais Católicas. p. 76.

² BOFF, Clodovis. As comunidades de base em questão. p. 1991.

visão fenomenológica e captar seus elementos estruturais na diversidade de suas manifestações.

O estudo envolvendo o tema Comunidades Eclesiais de Base entre as décadas de 1970 a 2000 reveste-se de grande importância na medida que contribui para a elaboração da história das comunidades na Igreja de Natal, que é reconhecidamente pouco estudada.

Tendo esta pesquisa como escopo principal analisar o comportamento e envolvimento político e social das comunidades Eclesiais de base no decorrer da crise do golpe militar e fechamento político, fez-se necessário enquadrá-las dentro do contexto histórico, principalmente a partir da abertura do Concílio Vaticano II e das Conferências Latino-Americanas.

O processo de integração das comunidades deu-se através dos Intereclesiais³ que se organizavam em função de uma identidade própria. Neste processo de organização, elas assumiram o papel de contestação.

A escolha das décadas compreendidas entre 1970 a 2000 poderá ajudar a melhor compreensão de como as CEB's se articularam e se integraram dentro do contexto sócio-econômico, político e eclesial brasileiros.

Os anos 70 são aqueles em que os efeitos da crise do golpe militar se manifestaram mais repressivamente na sociedade, entretanto a Igreja na América Latina e principalmente o Brasil se mostrou aberta, inovadora e solucionadora dos problemas da população pobre e excluída.

A escassez bibliográfica, específica sobre as Comunidades Eclesiais de Base em Natal, nos remeteu a utilização das fontes primárias para obter maiores informações a respeito da sua atuação na esfera nacional e levantamento dos dados necessários, de modo a possibilitar a constituição do quadro dos Intereclesiais nacional, no qual a Igreja de Natal está inserida.

Na análise de alguns historiadores, como José Oscar Beozzo e João Batista Libânio, as CEB's estiveram no auge nas décadas de 70 e 80, mas da década de 90 em diante entraram em crise. Os textos revelam que, por um lado, as comunidades estão fechadas em si mesmas, e por outro, há perspectiva de uma nova maneira de ser Igreja, articulando o social, o político e o religioso, cujo desafio é constituir uma "rede" de articulação das comunidades e destas com as pastorais e com os movimentos sociais.

³ Encontros de abrangência nacional com representantes das comunidades das Igrejas locais.

As fontes consultadas foram os relatórios dos Intereclesiais, que foram escritos pelos seus assessores e editados pelas Instituições ISER, REB e SEDOC, os documentos publicados pela CNBB e os escritos que estão no Compêndio Vaticano II e nas conclusões das conferências de Medellín, Puebla e Santo Domingos. Foi imprescindível também consultar os arquivos da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Natal.

O presente trabalho procura inserir-se nesse esforço renovador, considerando que para tanto é necessário uma análise crítica do que foi produzido sobre o tema. Para tanto, dividimos o trabalho em três capítulos. O primeiro aborda a contextualização da Igreja Universal a partir do Concílio Vaticano II e das Conferências Latino-Americanas para uma possível abertura progressista nas décadas de 70 e 80 e um retorno ao fechamento da última década, com a conferência de Santos Domingos. O Segundo capítulo traz uma análise da conjuntura político eclesial das décadas de 70 a 2000. Inserindo os Intereclesiais, das CEB's, neste contexto. O terceiro capítulo analisa a Igreja de Natal desde o momento dos "movimentos de Natal" e sua participação na articulação nacional até o ano 2000, enfatizando as suas estratégias de atuação. E finalmente, nas considerações finais, foram resumidas as conclusões sobre o tema.

2 - CONTEXTO HISTÓRICO

“ Sentir com a Igreja significa sintonizar com o Vaticano II. Para vivê-lo é necessário conhecê-lo em sua intenção e em seu espírito.”

(Papa Paulo VI)

2.1 - Concílio Vaticano II.

No dia 26 de janeiro de 1959, o Papa João XXIII, convoca toda a Igreja para a realização de um novo concílio. No seu discurso de abertura, no dia 11/10/1962, o Papa João XXIII, pronunciou as seguintes palavras:

“O punctu Saliens deste concílio não é a discussão de um ou outro artigo da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos padres e dos teólogos antigos e modernos, pois estes são bem presentes ao nosso espírito. Mas da renovada, serena e tranquila adesão a todo ensino da Igreja. Os cristãos católicos e apostólicos do mundo inteiro esperam um progresso na penetração doutrinária e na formação das consciências, em correspondência mais perfeita com a fidelidade à doutrina autêntica, que esta seja estudada e exposta por meio de formas de indagação e formulação literária do pensamento moderno.”⁴

O Concílio Vaticano II quis ser pastoral, desde o início o seu idealizador, o Papa João XXIII, que enfatizou a importância dessa finalidade, quis ser um concílio ecumênico favorecendo a unidade dos cristãos, não somente pretendendo a edificação do povo cristão, mas também um convite às comunidades separadas para a busca da unidade, e quis também ser um concílio doutrinário, posto que a inquietação pastoral e ecumênica girava não em torno de doutrinas mas, do modo de apresentar a doutrina da Igreja.

Depois do Concílio Vaticano II, a Igreja inaugurou uma nova fase de sua existência. Muitas renovações foram feitas principalmente depois que os serviços por ela presta-

⁴ Vaticano II, p. 8.

dos, foram descentralizados. O Papa Paulo VI escreveu ao Congresso de Teologia pós conciliar, de 29/09/1966:

“A tarefa do Concílio não está completamente terminada com a promulgação de seus documentos. Esses representam antes um ponto de partida que um alvo atingido. É preciso ainda que a vida da Igreja seja impregnada e renovada pelo vigor e pelo espírito do Concílio, é preciso que as sementes de vida semeadas no campo que é a Igreja cheguem a plena maturidade.”⁵

A partir daí começou a abertura. A Igreja que até então fora fechada em seus dogmas, rituais e tradições começa a ensinar uma doutrina nova, seu rito deixa de ser em latim e passa a ser no idioma local de cada nação, surge um novo jeito de celebrar a fé e a vida dos Cristãos em comunidades, aparecem então, as primeiras experiências de CEB's.

Percebe-se também que, após o Concílio Vaticano II, a Igreja se divide. Uma ala consegue avançar para a inovação, abertura para os trabalhos com pequenos grupos, movimentos e envoltimentos políticos em prol dos pobres e das minorias marginalizadas. Enquanto outra ala da hierarquia da Igreja não consegue se desvencilhar das práticas tradicionais e continua arraigada às velhas doutrinas, sendo muitas vezes impecilho para a caminhada na direção ao atendimento dos anseios e necessidades das camadas mais pobres da população.

O concílio permitiu que uma nova forma de eclesialidade fosse construída na Igreja, com as comunidades eclesiais de base; através dos conselhos paroquiais, conselhos diocesanos de pastoral e grandes assembléias diocesanas; nos regionais, com as assembléias da Igreja; e por fim, no corpo episcopal, com o forte senso de colegialidade. Deu-se a descentralização, a recepção pastoral foi amadurecendo e se organizando através da elaboração de folhetos litúrgicos, da catequese, dos documentos da CNBB e da teologia da libertação.

Deve-se acrescentar que a Igreja do Brasil não era, nessa época, “notícia” como o é hoje para a imprensa nacional e, por vezes, internacional. A consciência existente era que o concílio produziu uma transformação histórica na vida de toda a instituição e os agentes de pastoral passaram a usar a seguinte expressão: “Antes do concílio e depois do concílio,” para explicar o que era fechado, velho, conservador e depois para o que era novo, aberto e progressista.

⁵ Ibid., p. 7.

O que impulsionou a Igreja para a convocação do Concílio Vaticano II, na realidade, foram as condições em que se encontravam os cristãos e a Igreja na Europa Oriental e na China, sua oposição ao materialismo e ao machismo que eram incompatíveis com o cristianismo.

Por isso, o horizonte histórico da ação da Igreja se volta para a América-Latina que está em ascensão. Como fruto imediato do concílio, surgem as conferências do episcopado Latino-Americano.

2.2 - Conferência de Medellín

Em 1968, na cidade de Medellín-Colômbia, o episcopado Latino-Americano se reúne para a realização da sua II Conferência Geral que, segundo os organizadores mudou os rumos do pensamento e da ação da Igreja Católica na América Latina. A I Conferência tinha sido realizada no Rio de Janeiro - Brasil em 1955. É tarefa da conferência atender às particulares necessidades e urgências de cada país, tais como: autêntica promoção humana, as exigências da justiça e da paz, da família e demografia, da educação e da juventude. Interessa a tarefa essencial da evangelização e crescimento da fé.

Nesta conferência do Episcopado latino-americano a reflexão orientou-se para a busca de forma de presença mais intensa e renovada da Igreja na transformação da América Latina, à luz do Concílio Vaticano II. Na sua mensagem de abertura a conferência começa citando a América Latina como comunidade em transformação:

*"A América Latina, além de uma realidade geográfica, é uma comunidade de povos com uma história própria, com valores específicos e com problemas semelhantes. A tomada de posição e as soluções devem corresponder a essa história, a esses valores e problemas."*⁶

Foi na América Latina que o concílio Vaticano II, encontrou maior ressonância, por isso a Igreja se volta para esse continente. Está se vivendo, nesse período, as consequências dos golpes militares. É a era da ditadura, na qual a falta de liberdade é total. A Igreja encontra um campo fértil para a sua atuação.

Os vínculos essenciais da conferência de Medellín encontram-se no amplo movimento, em que o concílio Vaticano II, envolveu toda a Igreja Universal. Mas também, al-

⁶ Medellín, p. 27.

guns pontos sensíveis da América Latina: A questão da terra e da reforma agrária, tema que está nas marcas do sofrimento dos povos indígenas, camponeses, favelados, cujo drama começa e termina na privação da terra. A questão nascida da crise política que envolveu as superpotências a propósito da instalação de mísseis atômicos em Cuba, levando o mundo à beira de uma II guerra mundial e de um confronto nuclear.

Medellín inspira-se nas correntes que se estruturaram ao longo do concílio como compromisso com os mais pobres e com a justiça. O tema do desenvolvimento estava no coração de todas as iniciativas da Igreja no campo social. Ela vai operar uma sutil passagem de tom e de conteúdo ao deslocar o acento do desenvolvimento para a libertação, acrescentando à dimensão econômica e social uma nítida tomada de posição teológica e política. A ênfase também desloca-se dos países desenvolvidos e da ajuda que estes devem prestar aos países subdesenvolvidos, para voltar-se inteiramente para os próprios subdesenvolvidos, para seu povo e para as tarefas que lhes incumbem com o fim de libertar-se juntamente dos que lhes impõem o fardo da dominação e da exploração política e econômica.

Esse é o discurso que perpassa a conferência. Medellín ocupou um espaço até então bastante rarefeito na presença da Igreja latino-americana como conjunto. Esta ação cresceu e se enraizou nos setores populares através das comunidades de base e de um compromisso crescente da Igreja com os pobres e com os que sofrem.

A conferência vai dedicar três artigos às comunidades que estão em formação. Pois são elas a grande porta de entrada da Igreja para arrebanhar novos fiéis. Percebe-se uma confiança e abertura da hierarquia da Igreja ao citar no documento que:

*“A comunidade de base é o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve em seu próprio nível responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também do culto que é sua expressão. Ela é, pois, célula inicial da estrutura eclesial e foco da evangelização e, fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento.”*⁷

Ao mesmo tempo, ainda se referindo às comunidades, o discurso é centralizado nessa hierarquia eclesial que quer manter o controle do seu poderio, ao citar:

*“Elemento capital para a existência da comunidade de base são seus líderes ou dirigentes. A escolha e formação deverá ter acentuada preferência na preocupação dos párocos e bispos, os quais terão sempre presente que a maturidade espiritual e moral depende da assunção de responsabilidade deles.”*⁸

⁷ Ibid., p. 207.

⁸ Ibid., p. 208.

Convém analisar aqui o conceito de libertação que estava por trás do discurso da conferência. Consiste na dimensão de comprometer-se a disponibilizar todo o conhecimento que seja necessário para que a realização dos valores que permitam aos homens e mulheres, alcancarem com êxito os seus projetos de realização pessoal e comunitária. A libertação vem na medida que existe uma adesão à Igreja, só quando inseridos completamente no plano de Deus se aceita esta plenitude do plano que passa pela hierarquia eclesial.

2.2.1 - De Medellín a Puebla

Medellín não foi um acidente no processo da Igreja latino-americana, imposição de uns poucos, mas se explica por todo um trabalho pastoral anterior extremamente importante, por um contexto sócio-político da região e por um trabalho prévio de muitas reuniões de abrangência regional. Medellín recolhe os resultados de três grandes linhas de trabalho. Em primeiro lugar, desde a década de cinquenta, se desenvolveram os movimentos de leigos, especialmente os da ação católica especializada, em suas organizações de juventude operária, agrária, estudantil universitária. Alguns deles foram bastante significativos e atuantes em vários países e muitos bispos que desenvolveram trabalhos pastorais renovadores, assim como futuros teólogos, foram assistentes e tiveram estreitos relacionamentos com os mesmos. É o caso de D. Hélder Câmara, assistente nacional da Ação Católica Brasileira e Pe. Gustavo Gutiérrez, assistente nacional da União dos Estudantes Católicos do Peru.

Quando aconteceu a Conferência de Medellín, alguns desses movimentos já tinham sofrido crises e tensões com setores do episcopado, mas nem por isso deixaram de contribuir para as etapas futuras. Começam nessa época a elaboração de uma pastoral de conjunto. Já não se tratava somente de se fazer experiências dispersas, mas de descobrir orientações comuns, prioridades compartilhadas e “linhas de ação” em caráter nacional.⁹

Com a sensibilização crescente da Igreja pelo social, o concílio Vaticano II, foi possibilitando o surgimento de novas práticas de ação. Começam a aflorar experiências eclesiais de participação popular, que pouco a pouco se foram caracterizando através das comunidades de base. É nesse contexto que se pode entender a teologia da libertação, que não surgiu como uma escola de pensamentos saída das universidades ou centros teológicos. É

⁹ Para esta linha de trabalho ver a descrição em Raimundo Caramuru de Barros, Brasil, Uma Igreja em renovação, Vozes, Petrópolis. 1967.

um esforço para ser uma maneira diferente de fazer teologia, reflexão crítica da práxis histórica.

As análises que não colocarem a teologia da libertação no contexto de uma ação pastoral em renovação tampouco saberão interpretar Medellín e Puebla. Esse era o contexto da sociedade latino-americana daqueles anos. Com o crescimento do movimento popular, os setores dominantes se sentiram ameaçados em sua hegemonia, e provocaram intervenções na sociedade política, com a aliança da burguesia interna e internacional, dos novos tecnocratas e dos militares. Foi o tempo dos golpes de estado no Brasil e na Argentina. No Chile, a experiência reformista democrata-cristã dava sinais de esgotamento. A insurreição guerrilheira também mostrava seu irrealismo e seus fracassos e sofria a perda de Guevara e de Camilo Torres. Cuba atravessara uma fase de profundos problemas econômicos.

Medellín recolheu sinais desses fatos e lançou sugestões extremamente fecundas para as atividades da Igreja na região. Partiu das experiências pastorais que iam surgindo. A temática da libertação é colocada a partir de uma maior maturidade do movimento popular.

A Igreja desempenhou um papel decisivo nos anos que se caracterizaram pelo enrijecimento das questões políticas, ela chegou a ser praticamente o único canal, da sociedade civil em que as classes populares podiam expressar-se sobre sua realidades, seus problemas e seus anseios. As Comunidades Eclesiais de Base experimentaram uma fase de franca difusão. A opção popular passou a ser uma realidade em expansão. Evidentemente, que não se tratava ainda da orientação pastoral mais difundida, e por isso foi encontrando ao mesmo tempo fortes resistências, por parte da ala conservadora, tradicional, da Igreja.

2.3 - Conferência de Puebla

No ano de 1979, o episcopado Latino-Americano se reúne na cidade de Puebla de Los Angeles - México, para a realização da sua III conferência geral, ligada ainda estreitamente com a II Conferência de Medellín, na comemoração do seu décimo aniversário.

Esta conferência tomou como ponto de partida as conclusões de Medellín: "*Servir-vos-à de guia em vossos debates o documento de trabalho preparado, em Medellín, para que constitua sempre o ponto de referência.*"¹⁰

¹⁰ Puebla, p. 16.

O ponto chave dessa conferência, que a fez conhecida e debatida na Igreja universal, foi a sua definição pelos pobres. A opção preferencial pelos pobres é o princípio animador que pervade todo o Documento, é o ângulo, através do qual se faz a leitura da realidade latino-americana.

No final da década de 1970, a sociedade está passando por mudanças sócio-culturais, cada vez mais orientadas e dirigidas tecnicamente com aspectos de progresso e verdade, onde o desequilíbrio é profundo, numa crescente desigualdade social e ameaças de maior domínio do homem pelo homem.

Estamos vivendo numa sociedade tecnocrata com a cultura emergente de novos valores, como o consumismo e o secularismo. Daí a grande preocupação da hierarquia da Igreja com seus fiéis. Uma vez que foi estabelecido que a América-Latina é um continente Cristão, engajado em vários "movimentos".

Os "movimentos cristãos" vieram a desenvolver-se no seio da Igreja, muitos deles surgiram na Europa, especialmente na França, Espanha e Itália. Podemos citar o Focolares, da Obra de Maria, de Chiara Lubich; o cursilho de cristandade criado pelo bispo de Palma de Mallorca; o movimento Família Cristã, fundado pelo Padre Richard; o movimento Neocatecumenal, comunhão e libertação; os movimentos de adolescentes e jovens conhecidos com TLC, entre tantos outros. Alguns são tipicamente latino-americanos ou oriundos dos Estados Unidos da América do Norte, como a Renovação Carismática Católica. Outros, enfim, nasceram no Brasil, destacando-se o Encontro de Casais com Cristo, fundado pelo Pe. Alfonso Pastore. Vários desses movimentos tornaram-se "transnacionais" (expressão nova, para não dizer católicos universais, como a própria Igreja).

Em geral esses "movimentos" da Igreja acabaram tendo uma difusão entre as classes médias, chegando até certo ponto a certas áreas das classes altas. Fazendeiros, militares, comerciantes, funcionários públicos, universitários, etc.. Tudo isso, entretanto, não significa que os "movimentos" tenham sido uma resposta perfeita e exclusiva às exigências da Igreja. As classes mais populares estavam à margem e ainda não tinha sido envolvidas nesse universo religioso. Por isso as Comunidades Eclesiais de Base são saudadas como providenciais. Elas levaram a Igreja às bases, tornando-se notável a presença organizada e mais penetrante da Igreja, nas periferias urbanas e em uma infinidade de comunidades rurais pobres.

Nesta conjuntura nos leva a questionar se ficam esses dois "modelos" são passíveis de uma articulação. O grande desafio da Igreja era manter as classes médias e altas, sem

descuidar das classes populares que, a cada dia, tornava-se maior. Fazer penetrar os valores evangélicos na cultura urbana e industrializada, conscientizar o homem da cidade dos seus deveres para com Deus. Essa era a grande tarefa, o desafio maior da hierarquia católica. As CEB's vão prestar um grande serviço à Igreja.

Todo o discurso da conferência de Puebla é voltado para a importância da organização das comunidades. As CEB's receberam uma atenção especial. No documento das conclusões da conferência está assim escrito: *"Há uma consciência e um exercício mais amplo dos direitos e deveres que competem aos leigos como membros da comunidade. Pouco a pouco, a Igreja vai-se desligando daqueles que detêm o poder econômico ou político, libertando-se de dependências e prescindindo de privilégios"*.¹¹

Os bispos não apenas legitimam mas também incentivam o trabalho das comunidades populares se fazendo presente. Na época em que se realizou a conferência de Medellín, as CEB's eram apenas uma experiência incipiente. Ao fim de dez anos, elas se multiplicaram e amadureceram. A vitalidade delas começa a dar seus frutos, é uma das fontes de ministérios leigos: dirigentes de assembleia, responsáveis de comunidades, catequistas, missionários. Durante vinte e cinco anos (de Medellín a São Domingos), a Igreja do Brasil caminhou no sentido de uma pastoral mais unida e planejada e cresceu na definição de sua missão e na coerência de sua ação pastoral. Mesmo assim encontrou forças que se opuseram à caminhada e notadamente a seu compromisso com os pobres, seus direitos e suas lutas por dignidade e justiça.

Há, sem dúvida, um entrelaçamento de interesses, afinidades e solidariedades que perpassa o corpo eclesial e suas relações com outras Igrejas e com o centro romano e igualmente com as forças sociais atuando na sociedade civil e no governo. Roma, entretanto, além de ser um dos atores em jogo, com suas escolhas e preferências, goza do direito, que lhe é reconhecida, de uma intervenção autoritária.

A batalha de Puebla era centrada em torno da opção pelos pobres, pelas CEB's e pela libertação, com a teologia que as acompanhava.

A Teologia da Libertação na vida de povos, não só social e politicamente, mas também cultural e religiosamente oprimidos, foi se tornando cada vez mais candente e, no continente latino-americano, eixo aglutinador da reflexão teológica; uma teologia que, ao tomar como ponto de partida a realidade, valeu-se intensamente das ciências, do social para desvendar os mecanismos de opressão: sociais, econômicas, políticas e culturais; uma teolo-

¹¹ Ibid., p. 248.

gia que se enriqueceu com o intenso apropriar-se da bíblia pelo povo e com a renovação da exegese, a partir do serviço às comunidades.

Na visão de Puebla, o desafio da evangelização era como manter vivo este “substrato católico”, fortalecendo-o e enriquecendo-o para os embates da cultura moderna, urbana e industrial, com seu corte secularizante, e para o assalto das seitas. Era igualmente, como torná-lo mais impregnado da “doutrina” católica.

2.4 - Conferência de Santo Domingo

Nos dias 12 à 26 de outubro de 1992, a conferência geral do Episcopado Latino-Americano se reuniu pela IV vez. Agora em Santo Domingo, com o objetivo de comemorar o V centenário da evangelização da América. E tendo como idéia central de toda a temática desta conferência a nova evangelização na diversidade étnica e cultural que traça diferentes identidades não só sociais mas também religiosas.

Logo no início do documento se percebe um retrocesso no discurso de abertura da igreja da América-Latina. Treze anos depois da conferência de Puebla, a preocupação já não é mais sócio-política, nem tão pouco com a organização das pastorais de conjunto. A teologia deixa de ser libertadora e volta a ser dogmática, voltada para os sacramentos (sinal da fé cristã). Da conferência de Santo Domingo, partiu um veto formal ao uso da metodologia - ver - julgar e agir, assistiu-se com isso a uma mudança na “leitura” da realidade cultural e religiosa do continente. Partindo da diversidade étnica e cultural que plasma diferentes identidades não só sociais mas também religiosas.

Outro ponto a se observar é a mudança da terminologia: passa-se de “América Latina” para “América Latina e Caribe”. Como reconhecimento de que o Caribe não se considera incluído na realidade latino-americana e de que a expressão latina não consegue recobrir sua diversidade étnica, cultural e religiosa. Neste sentido, o lugar em que se realizou a conferência, uma das ilhas do Caribe, repartida em dois estados, República Dominicana e Haiti, certamente contribuiu para essa mudança no vocabulário.

América Latina, expressão nascida no século XIX, queria exprimir a contraposição entre duas Américas: uma, cada vez mais poderosa e expansionista ao Norte, anglo-saxônica e protestantes, e outra, ao sul, ibérica, latina e católica.

A inserção da dimensão caribenha, com o uso da expressão América Latina e Caribe, já obrigava a um alargamento crítico das imagens correntes sobre a América. Reconhece-se a limitação do conceito de “ibero-américa” para cobrir a realidade extremamente diversificada, plasmada pela história colonial das Antilhas.

Qual será, nestas circunstâncias, o caminho de evangelização da Igreja Católica? O do confronto para preservar a “identidade católica?” O de continuar combatendo o sincretismo que entrelaçou no “novo mundo”, crenças e ritos de matriz europeia aos de matriz africana e americana?

Em meio a estas interrogações toda a Igreja encontra saídas estratégicas: abrir-se à diversidade cultural, espiritual e religiosa destas outras tradições; voltar-se para o significado dos 500 anos de história e criar um clima de contrição no “pedido de perdão”. Feito durante a conferência por parte da Igreja, frente aos povos indígenas e afro-americanos. A Igreja confessa ter cometido erros na primeira evangelização da América Latina. Muitos erros, no passado, surgiram de um contexto em que havia escassa consciência do pluralismo cultural.¹²

Só que as questões não são resolvidas tão simplesmente. Existem pelo menos três pontos que precisam ser analisados:

1 - O direito das religiões indígenas e afro-americanas à sua existência, à liberdade de culto em pé de igualdade e de direito com as igrejas cristãs dos antigos colonizadores, fossem eles católicos ou protestantes.

2 - O direito dos povos indígenas e da população afro-americana, já batizada, de viverem seu cristianismo, segundo sua cultura e seus costumes.

3 - A questão de caráter pastoral de uma dupla pertença e de uma dupla prática: a do catolicismo popular e a da religião tradicional, extremamente difusas por todo o continente.

A Igreja se coloca como juiz das adaptações possíveis, fazendo dos povos e das culturas objeto de sua ação e do evangelho uma mensagem que lhes é exterior. Ela supõe mudanças e a entrada num processo de ampla diversificação cultural, desembocando num pluralismo em termos de liturgia, teologia e organização pastoral.

A proposta de uma evangelização inculturada está orientada para os desafios que vem da história e igualmente para os que chegam no presente como: Uma evangelização

¹² Santo Domingo, p. 315.

inculturada que penetre os ambientes marcados pela cultura urbana; que se encarne nas culturas indígenas e afro-americanas; e uma comunicação.¹³

Percebe-se claramente que o problema não é mais o pobre e sua libertação e sim, a cultura moderna e seu secularismo; não a diversidade cultural das sociedades locais e a inculturação do evangelho e, sim, a universalizante cultura adveniente e sua prescindência de Deus. A Igreja desvia o seu foco de interesse do amparo aos pobres e faz uma mudança do seu tema “opção pelos pobres”, para discutir a cultura.

As CEB's que antes eram “células vivas da Igreja”¹⁴, agora passam a ser célula da paróquia - O Estado está dividido em dioceses e essas se subdividem em paróquias - Perderam sua autonomia. Vejamos o que diz o documento: “*A paróquia tem a missão de evangelizar, de celebrar a liturgia, de fomentar a promoção humana, de fazer progredir a inculturação da fé nas CEB's e nos movimentos apostólicos*”.¹⁵

Em relação as CEB's, foram escritos apenas dois artigos, o documento cita no primeiro: “Quando não existe uma clara fundamentação eclesiológica e uma busca sincera de comunhão, estas comunidades deixam de ser Eclesiais e podem ser vítimas de manipulação ideológica e política”, e no segundo cita: “Consideramos necessário: - Ratificar a validade das comunidades Eclesiais de base, fomentando nelas um espírito missionário e solidário e buscando sua integração com a paróquia, com a diocese e com a Igreja universal, em conformidade com os ensinamentos da Evangelii Nuntiandi (cf. EN 55).

- Elaborar planos de ação pastoral que assegurem a preparação dos animadores leigos que assistam estas comunidades em íntima comunhão com a paróquia e o bispo.”¹⁶

No início da década de 1990, a sociedade está em pleno processo de redemocratização. Já não é mais necessário lutar por liberdade política. A Igreja que antes fazia oposição ao Estado e ganhava adeptos, está agora voltada para o enfrentamento aos movimentos pentecostais, (ênfase ao Espírito Santo).

¹³ Ibid., p. 324.

¹⁴ Puebla, p. 249.

¹⁵ Santo Domingo, p. 103.

¹⁶ Ibid., p. 105.

3 - PERFIL DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NA CONJUNTURA NACIONAL

*“Um grito! Um clamor!
Um duro gemido de dor, ó Senhor!
É o grito, é o grito da vida
De gente e mais gente excluída!”*

(Roberto Malvezzi)

A experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) tem constituído a grande e original contribuição da Igreja latino-americana para toda a Igreja Universal. Quando Paulo VI, ao final do Sínodo sobre a evangelização no mundo de hoje (1974), referiu-se às CEB's como uma esperança para toda a Igreja, estava certamente convencido do valor da experiência como lugar privilegiado de evangelização.¹⁷ Na ocasião, as CEB's encontravam-se no Brasil em sua fase de irradiação criadora. Na trilha aberta pela renovação eclesiológica do Concílio Vaticano II e do impulso da conferência de Medellín, as CEB's foram se firmando como uma nova forma de ser Igreja, caracterizada pela corajosa opção em favor dos pobres e pela libertação integral. Os leigos assumem um lugar de destaque nesta nova forma de ser Igreja. A participação dos leigos evidencia-se também nos conselhos comunitários e equipes de coordenação das comunidades.

Há cerca de três décadas as pequenas comunidades brotaram no panorama eclesial brasileiro, como uma pequena “flor sem defesa”,¹⁸ depois veio o tempo de sua afirmação criadora na década de 1970. Neste período surgiram os Encontros Intereclesiais de CEB's, visando uma maior articulação das comunidades espalhadas pelo Brasil. Estes Encontros nasceram com a finalidade de partilhar as experiências, a vida, as reflexões que se faziam nas comunidades eclesiais de base ou sobre elas.

Na dinâmica pensada para os Encontros, o envolvimento das várias experiências espalhadas pelo Brasil ocupa um lugar de destaque. Os relatos da caminhada eclesial das

¹⁷ Paulo VI. Discurso de Encerramento do Sínodo dos Bispos. REB, 34. p. 136.

¹⁸ Frei Carlos Mesters usou essa expressão para designar a experiência das CEB's.

comunidades, suas lutas, sofrimentos e conquistas são apresentados à grande assembleia. Como sublinha Libânio, *“os Intereclesiais propiciam uma experiência eclesial única e muito enriquecedora, apesar ou até mesmo por causa de seus momentos de sofrimento e tensões. Revelam com maior clareza para muitos a terrível situação de sofrimento de nosso povo pobre. Manifestam também com que profundidade se vive nas bases da Igreja a relação entre fé e política. Servem de uma lente de aumento do que acontece em miniatura nas CEB’s.”*¹⁹

3.1 - Articulação das Comunidades - Período de 1970 à 2000.

3.1.1 - A Conjuntura Política no Brasil nos anos 70

Marcada pela transição de um autoritarismo político absoluto para uma abertura gradual e controlada, os primeiros anos da década de 70 estarão ainda sob o clima sombrio do Ato Institucional nº 5, publicado em dezembro de 1968. Com o AI-5 decreta-se o fechamento dos canais de participação democrática no Brasil: instala-se um clima de censura generalizada, repressão aos direitos humanos, perseguição e tortura contra as lideranças populares.

A lógica do governo militar no Brasil não se explicava somente pela dinâmica repressiva. Por meio da aliança militar tecnocrática, incentivava-se o rápido desenvolvimento econômico, que favoreceu o enriquecimento dos brasileiros situados no vértice da pirâmide salarial: os profissionais, os tecnocratas e administradores de empresa. O crescimento econômico acelerado existia, mas grande parte da população continuava à margem de suas benesses. Na lógica do “milagre” econômico, a aceleração do crescimento era bem mais importante do que a melhoria da distribuição da renda.

Neste período repressivo, a Igreja Católica representou virtualmente o único centro de oposição institucional.²⁰

Já no final dos anos 60, uma série de incidentes começaram a corroer as relações entre a Igreja e o Estado no Brasil.²¹

¹⁹ LIBÂNIO, João Batista. *Finalidade e significado dos Intereclesiais*. IN: CNBB. Diálogo CNBB-CEB's. p. 32.

²⁰ SKIDMERE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. P. 284.

²¹ BRUNEAU, Thomas. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. p. 324. Este autor faz menção a 14 incidentes que aconteceram em 1968.

A perseguição contra setores da Igreja acabou provocando respostas mais globais da instituição contra as agressões: *“O engajamento gerou a repressão. A resposta à repressão consolidou a posição dos engajados, que aumentavam a sua influência dentro da instituição que, por isso, se comprometia em maior medida e seria, logicamente, mais reprimida, criando condições para novas e mais fortes respostas da instituição.”*²²

Mas a abertura deveria ser gradual e altamente controlada como cita Maria Helena Moreira. *“O período do governo Geisel caracterizou-se pela contradição entre a política oficial de liberalização e a realidade da remanescente repressão política. Por um lado, a política oficial de distensão deu aos setores de oposição mais espaço para se organizar e mais possibilidade de êxito. Por outro, as pressões coordenadas por melhoria das condições de vida, fim da censura à imprensa e revogação da legislação repressiva intensificaram os temores dos setores mais estreitamente identificados com a Doutrina de Segurança Interna. À medida que se fortalecia o movimento de defesa dos direitos humanos, aumentavam no Estado de Segurança Nacional as pressões e contradições internas com respeito às políticas de repressão.”*²³

Em todo este período foi destacada a atuação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Sobretudo a partir da Segunda metade da década de 70 e início dos anos 80, uma nova compreensão da Igreja e de sua missão na história vem sendo assumida pelos bispos no Brasil.

Scott Mainwaring no seu livro: *Igreja Católica e Política no Brasil* cita: *“Durante o período de 1974 - 1982 a Igreja brasileira adquiriu a maior importância no catolicismo internacional, tornando-se a Igreja mais progressista do mundo.”*²⁴

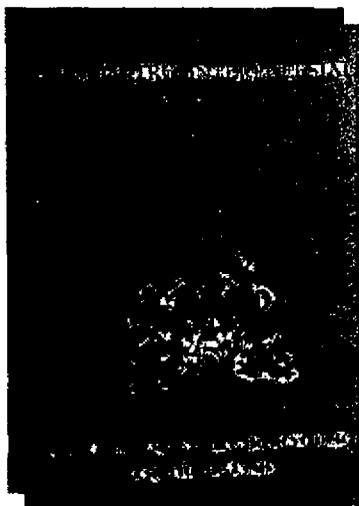
3.1.2 - Os Intereclesiais da década de 70

Os anos 70 marcaram a fase de grande efervescência das CEB's, da vitalidade da articulação dialética entre fé e vida, de sua criatividade bíblica e litúrgica, de sua atuação pública mais definida. O fechamento da conjuntura política e o bloqueio dos vários canais de expressão popular favoreceram a atuação da pastoral popular e seu compromisso com a causa da vida.

²² LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*. p. 56.

²³ ALVES, M. H. Moreira. *Estado e oposição no Brasil*. p. 200.

²⁴ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil*. p. 169.



O primeiro Encontro Intereclesial aconteceu em janeiro de 1975, na cidade de Vitória (ES) e recebeu o apoio do então arcebispo de Vitória, Dom João Batista Motta e de seu auxiliar Dom Luís Fernandes. Participaram do evento cerca de 70 pessoas, representando várias dioceses de 12 estados diferentes. Entre os participantes estavam vários animadores leigos e agentes de pastoral das comunidades de diversas regiões do Brasil. Na assessoria teológica do Encontro participaram cinco convidados: Leonardo Boff, Carlos Mesters, Gérard Cambrou, Marcelo Carnevalheira e Eduardo Hoornaert. Como convidado especial participou igualmente o sociólogo e historiador canadense Thomas Bruneau, estudioso da história do catolicismo no Brasil.²⁵

O tema do Encontro foi bem sugestivo: **“Uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus.”** O primeiro Intereclesial tinha como objetivo delinear o perfil e descobrir as características futuras da Igreja nova que nasce no meio do povo, principalmente através das comunidades eclesiais de base.²⁶

No campo eclesiológico uma questão em participar esteve no centro das atenções: Como fazer nascer da Igreja clerical uma Igreja popular? não no sentido da superação da primeira, mas da afirmação de uma “nova imagem da Igreja”, (entendida como povo de Deus). Nessa nova perspectiva, os leigos ocupam um lugar singular, como sujeitos de um renovador processo ministerial. A Igreja é uma “coisa sua”.

No campo político enfatizou-se a necessidade da presença mais ativa da Igreja na luta de conscientização do povo, colaborando para que ele mesmo descubra as causas da opressão em que vive.

As comunidades reconhecem que a religião do povo pode ser assumida num processo de libertação, pois apresenta valores de protesto e de denúncia e o seu capital simbólico pode ser enriquecido com a novidade Crítica da Evangelização.

Nas conclusões, enfatizou-se os traços essenciais para uma dinâmica metodológica adequada para o trabalho das comunidades, sempre a partir da análise da realidade, abrir espaços de valorização das expressões autênticas do povo, respeitando as etapas de seu crescimento e que a formação dos agentes de pastoral seja realizada o quanto possível dentro da própria comunidade.

²⁵ TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Os Encontros Intereclesiais de CEB's no Brasil*. p. 26.

²⁶ TEXTO BASE. *Uma Igreja que nasce do povo*. P. 11

É importante perceber que nesta ocasião não se falava ainda da importância da dimensão da gratuidade presente na religião popular. A ênfase mais destacada incidia sobre a sua dimensão libertadora. E outras questões práticas a nível da sociedade não foram tratadas neste encontro.

O segundo Intereclesial das CEB's realizou-se entre os dias 29 de julho a 1º de agosto de 1976, ainda na cidade de Vitória e sob a organização da mesma diocese. A preparação do encontro seguiu a mesma dinâmica do anterior. O encontro em si contou com a participação de aproximadamente 100 pessoas, representando 24 dioceses de 17 estados brasileiros. Em relação ao I Intereclesial, houve uma diferente configuração das presenças. Uma metade dos presentes representava as comunidades (pessoas vindas da base) e a outra metade era composta de agentes de pastoral, bispos e assessores. Entre os presentes estavam 13 bispos brasileiros e três outros bispos convidados, sendo dois do México: Dom Sérgio Méndez Arceo (Cuernavaca) e Dom Samuel Ruiz (San Cristóbol) e um do Chile: Dom Aleyandro Jiménez (auxiliar de Talca). Participaram igualmente do evento outros convidados, entre os quais os teólogos Gustavo Gutiérrez (Peru) e Norbert Greinacher (Alemanha).²⁷

O tema do encontro foi: **"Igreja: povo que caminha"**. Pedro Ribeiro comenta que foi principalmente a partir do II Intereclesial, em 1976, que se começa a explicitar a identidade (sua atuação) das CEB's. Fala-se, então, na caminhada. Constatando as semelhanças entre si. As CEB's passam a tratar-se uma às outras como companheiras de caminhada.²⁸

Dentre as questões discutidas no encontro, o tema da terra ocupou um lugar importante, já que grande parte dos participantes vinha do campo. Os participantes puderam descrever em cores vivas a situação de exploração dos trabalhadores no campo pelos grandes latifundiários e até mesmo dos órgãos governamentais e os vários métodos todos empregados pelos poderes para se apoderarem das terras dos pequenos, com ameaças, perseguições, surras e incêndios das casas. Como forma de organização dos pequenos falou-se muito da importância dos sindicatos, enquanto instrumento e ferramenta para a conscientização e união dos lavradores. Todas as questões eram desenvolvidas à luz da perspectiva da libertação, que constituiu a tônica de todo o encontro.

²⁷ TEIXEIRA, F. Op. Cit. p. 32.

²⁸ OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de. **Oprimidos: a opção pela Igreja**. P. 164.

A troca de experiências e o “mergulho na realidade” constituíam traços essenciais do encontro. Neste momento se dava a grande novidade da caminhada: bispos, padres, religiosos e teólogos ouvindo e aprendendo a sabedoria daqueles que lutam pela vida, sabedoria que não se aprende nos bancos escolares, mas que se bebe na própria dureza da existência.

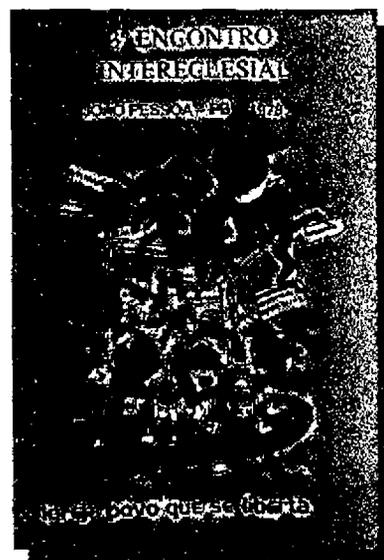
Foi acentuado aqui a papel destacado dos coordenadores das comunidades que eram os maiores contribuintes. Foi comovedor ver analfabetos falarem da fé a arcebispos, sacerdotes, religiosos e teólogos. Esta se caracteriza a nova identidade que nasce no seio das CEB's.

Os representantes das várias comunidades espalhadas pelo Brasil comprometeram-se ao final do encontro a animar o crescimento e a organização da Igreja que nasce do povo, reconhecendo o direito de liberdade, apoiando e fortalecendo as bases e reafirmando a importância da presença junto aos oprimidos e marginalizados.

O terceiro Encontro Intereclesial de CEB's realizou-se em julho de 1978, na cidade de João Pessoa-PB. O evento aconteceu numa ocasião rica de significação eclesial, depois de dez anos da conferência dos bispos em Medellín, que imprimiu uma dinâmica libertadora à pastoral latino-americana, e no momento final de preparação da conferência de Puebla, ocorrida em janeiro de 1979.

O III Encontro contou com a participação de cerca de 200 pessoas, sendo que 2/3 provinham das bases, representando 47 Igrejas de todo País. Juntamente com os participantes das bases, estiveram presentes no evento 17 bispos, 9 assessores e 18 agentes de pastoral. Reforçando o espírito ecumênico, já presente desde o I Intereclesial, estiveram presente um assessor e três outros representantes da comunidade evangélica. Participaram ainda um cacique Xavante, da aldeia de S. Marcos em Mato Grosso, além de outros convidados do México, Bélgica e Nova Iorque.²⁹

O tema do Encontro assinalava este novo passo: **“Igreja: povo que se liberta”**. Depois de tantos anos de um grande silêncio, este povo crente e oprimido inaugurava um novo curso no desenrolar da história. O teólogo Gustavo Gutiérrez dominou esta nova experiência como: **“irrupção histórica dos pobres”**. Refletindo sobre este fenômeno, sublinhou: O



²⁹ Comunidades Eclesiais de base. Sedoc. 11 (115) p. 259.

significado profundo do que está ocorrendo neste período da América Latina, é que, sobre-
pairando às vicissitudes ou episódios, aqueles que até agora estiveram ausentes da história se
estão fazendo presentes nela. Os pobres estão passando ao centro da cena na sociedade e na
Igreja latino-americana.³⁰

O ritmo de todo o Encontro esteve marcado pelo quadro geral de pobreza e
opressão em que vive o povo. Refletiu-se sobre as raízes de tal situação, a maneira de me-
lhor conhecer os mecanismos que a produzem, como também buscou-se enfatizar uma atua-
ção mais engajada, tanto na sociedade como na Igreja, dos participantes.

Depois de colocado a realidade, passou-se à fase de análise. Três questões pon-
tuavam as discussões: Quais as raízes desta situação de pobreza e opressão? Quem está adu-
bando esta situação? As CEB's são adubos ou cortadora de raiz?

Nas conclusões do Encontro os participantes firmaram o seu compromisso com a
caminhada das comunidades, dizendo que para transformar a realidade da opressão, que
constitui o "grande pecado social, se faz necessário conhecer a realidade do local onde se
vive. Os participantes sublinharam ainda a necessidade de participar de todos os movimen-
tos que vão ajudar na luta pela libertação, como sindicatos, associações, partidos políticos
que sejam deles e não para eles. Criando condições para um crescimento comum, sem que
haja marginalização de ninguém.

Vale salientar aqui, que os meses que antecederam o terceiro Intereclesial foram
de grande efervescência política em vários lugares do País. Havia estourado algumas greves,
entre as quais a greve branca dos metalúrgicos do ABC em São Paulo (maio de 1978), en-
volvendo muitos operários sob o comando do líder sindical Luís Inácio Lula da Silva (que
contou com ampla solidariedade da igreja local na pessoa de seu bispo, Dom Cláudio Hum-
mes). Durante o Encontro esta questão repercutiu fortemente e, com ela, a reflexão em torno
da organização dos trabalhadores.³¹

3.1.3 - A Conjuntura política e eclesial dos anos 80.

A realidade da nova conjuntura política de transição ou abertura favorece a
emergência de novos canais de presença e participação política na sociedade civil. A Igreja

³⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos Pobres*. p. 109.

³¹ Cf. Relatório do encontro. Sedoc. 11 (115) p. 413-444.

deixa de ser o único espaço possível de presença crítica. Vive-se um tempo de abertura partidária e de empenho no caminho parlamentar.

O período que vai de 1978 a 1985 será caracterizado por um forte crescimento do movimento popular no Brasil, expressando novas e profundas tendências na sociedade brasileira e a perda de sustentação do sistema político instituído.³²

Neste período, importantes expressões da sociedade civil, tais como as organizações de base, (cooperativas, associações, ...) os movimentos sindicais (rural, operário, ...) e setores engajados na política formal dos partidos, estabelecem alianças visando substantivas transformações sociais e políticas, sob a pressão popular foram alcançados alguns resultados significativos como a anistia política e a lei de reforma partidária em 1979. Vale sublinhar como expressão de uma nova consciência dos trabalhadores, as grandes greves de 1978, 1979 e 1980, e estas últimas assumindo já uma perspectiva nitidamente política, consolidando uma melhor capacidade organizativa dos trabalhadores e deixando claro os limites da abertura proposta pelos militares.³³

No espaço aberto pelo novo sindicalismo nasce no final de 1979 o Partido dos Trabalhadores, que terá como seu primeiro presidente o líder metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva. No pleito eleitoral de 1982, a oposição assume o controle de importantes capitais, como em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. O partido dos trabalhadores conseguiu sua melhor performance no estado de São Paulo, elegendo seis deputados federais, além de dois outros, um em Minas e outro no Rio de Janeiro. No decorrer da década de 80 o PT ganhará maior impulso, assumindo uma série de prefeituras, como Diadema, Vitória, São Paulo, Porto Alegre, Santos e Angra dos Reis.³⁴

Fatores como a melhor organização do movimento sindical e popular, bem como a atuação das pastorais populares e a oposição parlamentar, como reforço da greve recessão da economia e aceleração da inflação, foram antecipando o fim do governo militar. Fato decisivo foi a campanha em favor de eleições diretas para presidente. Em 1985 o colégio eleitoral elege Tancredo Neves, ainda que de forma indireta, com o novo presidente civil, depois de anos de ditadura militar.

Não foi apenas a conjuntura política que sofreu transformações nos inícios de 90, modifica-se igualmente a conjuntura eclesial internacional, com clara repercussão no

³² SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**. p. 313.

³³ ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil**. p. 240.

³⁴ *Ibidem*, pp. 279-280.

Brasil. Haverá uma nítida tendência de afirmação de uma nova identidade eclesial, com o início do pontificado de João Paulo II no ano de 1978.

As CEB's, que já não gozavam de muita simpatia por causa de seu envolvimento social e político partidário entre setores conservadores do episcopado nacional, estarão entre as experiências que vão ser questionadas. Na medida em que as comunidades provocavam mudanças importantes na forma de se exercer o poder dentro da Igreja, causando descontentamento localizado. No projeto de construção desta nova identidade serão os novos movimentos que ganharão lugar. Toda a pastoral libertadora na América Latina será olhada com ceticismo, quando não colocada sob suspeita. O historiador Beozzo vai escrever que, Paradoxalmente, no momento em que a conjuntura política vive uma relativa abertura, favorecendo o relaxamento de parte da pressão exercida contra a sociedade civil e a Igreja, a conjuntura eclesial sofre os efeitos de um considerável reflexo. Nas relações entre a Santa Sé e a Igreja do Brasil, e particularmente a CNBB, a tendência na passagem da década de 70 para a de 80 foi de transitar do estímulo e do apoio à contenção e à intervenção. Ao mesmo tempo, buscou-se articular e consolidar uma oposição interna às linhas de trabalho da CNBB.³⁵

Dom Celso Queiróz sublinhou o papel exercido pela Igreja do Brasil nos anos 80, em seminários promovidos pelo Instituto Nacional de Pastoral coloca que a história sempre mostrará a Igreja do Brasil nos anos 80, como uma Igreja de compromisso e de luta. É a Igreja que apoia fortemente o CIMI em sua luta de defesa dos índios; é a Igreja que intensifica a Pastoral da terra, apóia o movimento operário e abre espaço para os movimentos populares e os novos sujeitos históricos e eclesiais, é a Igreja das CEB's e da atuação no campo político, particularmente significativa no período da Assembléia Nacional constituinte.³⁶

Esta mesma CNBB, que mostra o rosto de uma Igreja comprometida com a causa dos pobres, passa a ser alvo de desconfiança da hierarquia, na medida em que o governo da Igreja avançava para a centralização e uniformidade. As críticas tendem a identificar a atuação da CNBB com a teologia da libertação. No campo da reflexão teológica houve nos anos 84-85 rigoroso disciplinamento de teólogos sintonizados com a perspectiva libertadora, entre os quais Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff.³⁷

³⁵ BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II - de Medellín a Santo Domingo*. p. 213.

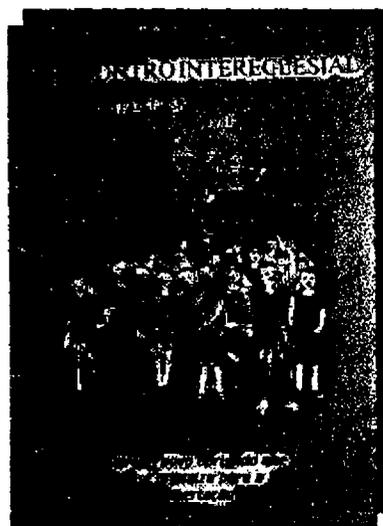
³⁶ QUEIRÓS, Dom Celso. *Igreja no Brasil - anos 80: evolução da CNBB, documentos e posições*. p. 4.

³⁷ Para o relato de todo o processo envolvendo Leonardo Boff cf. BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil...* op. Cit., pp. 239-254 e BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. pp.269s.

3.1.4 - Os Intereclesiais da década de 80

O IV Encontro Intereclesial de CEB's, foi realizado em Itaíci (SP) de 20 a 24 de abril de 1981. Teve como tema: **“CEB's: Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação”**. Pôde-se verificar em Itaíci a força de organização e participação das comunidades.

Participaram do IV Encontro Intereclesial cerca de 280 pessoas vindas de 71 dioceses e de 18 estados do País. Deste total, 184 eram representantes das bases, 56 eram agentes de pastoral, 15 assessores e 17 bispos estiveram presentes durante todo o Encontro. O tema era: Igreja, povo oprimido que se organiza para a libertação. Entre os objetivos estavam a troca de experiências, a celebração da fé e o aprofundamento crítico das lutas reivindicatórias, sindicais e político-partidárias.³⁸



O IV Intereclesial manifestou o grande peso social e político das CEB's. Elas dão uma real contribuição para a organização e mobilização do povo. Clodovis Boff vai dizer que foi a partir do IV Encontro que a questão da participação partidária irrompeu com força e desde então fez caminho. As comunidades reconhecem que a política partidária é uma outra maneira de fazer política importante para os cristãos. *“Não devemos ter medo de entrar na política, pois, do contrário, seremos derrubados e enganados pelos politiquieiros espertos e gananciosos. (...) Por isso devemos discutir entre nós os programas e as práticas dos partidos políticos qual a mudança da sociedade que eles propõem”*.³⁹

Não se pode desconhecer que nesta ocasião a conjuntura política nacional vivia um momento particularmente significativo. Estava para acontecer no ano seguinte, as eleições das mais importantes na história brasileira. Entre os partidos da oposição, o PT (Partido dos Trabalhadores) crescia em organização. Evidentemente, todo este clima de expectativa que fermentava a sociedade brasileira repercutia no Intereclesial de Itaíci.

As reflexões foram suscitando pistas, como a indicação de que a política é algo mais amplo do que a política partidária, e de que são reais as experiências positivas que rompem com a noção de que toda política é coisa “suja”.

³⁸ Relatório do Encontro. Sedoc. 14 (144) p. 139

³⁹ BOFF, Clodovis. **Em que ponto estão hoje as CEB's?** REB, 46 (183) p. 530.

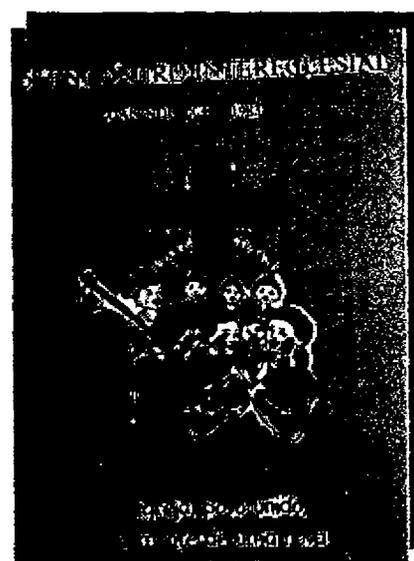
A política é o que mais influi na vida das pessoas. É a grande arma que elas têm para construir uma sociedade diferente. Mas esta arma está sendo mal utilizada pelos que a exploram. Ação política boa é quando todos se unem para defender a vida e os direitos contra os mentirosos e os exploradores, através das associações de bairro, sindicatos e outras formas de organização popular.⁴⁰ Verifica-se, assim, a emergência de uma nova compreensão de política, que supera aquela perspectiva estreita e negativa que impediu o despertar de muitas comunidades.

O IV Intereclesial manifestou o inegável peso social e potencial político das CEB's. Mediante suas práticas elas dão real contribuição para a organização e mobilização do povo. As comunidades reconhecem também que a política partidária é uma outra maneira de fazer política, igualmente exigente e importante para os agentes.

As comunidades Eclesiais de base não podem se transformar em células partidárias. Porém elas devem se eximir da educação política, devem oferecer condições para uma análise sistemática e crítica dos partidos existentes. Convém ressaltar, porém, que há um cuidado particular por parte das CEB's em manter sua pertinência eclesial. Elas integram ativamente o grande movimento popular, mas guardam sua originalidade religiosa. Elas são elementos de apoio aos movimentos populares e delas vem a força de animação para as lutas realizadas seja no bairro, no campo, no mundo do trabalho ou no partido político.

Foi muito expressiva a dimensão de compromisso e de luta encontrado nos documentos que registram este Encontro. Apesar de todo o sofrimento e opressão presentes na vida do povo, o sentimento de esperança na caminhada, de resistência, de união e fraternidade são bem mais fortes.

O V Encontro Intereclesial de CEB's aconteceu na cidade de Canindé (Ceará), de 4 a 8 de junho de 1983. Teve uma dimensão verdadeiramente nacional, contando com a participação de cerca de 500 pessoas, vindas de 135 dioceses de quase todos os Estados do Brasil. Dentre os participantes 243 eram membros da base, 60 eram agentes de pastoral. A estes juntavam-se: 30 bispos, 5 assessores, 16 observadores, 7 da imprensa e 144 das equipes de serviço. O Tema foi: **CEB's: povo unido, semente de uma nova sociedade**. Nos objetivos estavam a importân-



⁴⁰ Carta - conclusão do Encontro. IN: Sedoc. 14 (144) p. 142.

cia à descrição e troca de experiências, as condições de vida do povo brasileiro e sobre suas reações contra a situação de dominação, a proletarização dos agricultores, o desemprego desesperador, a seca no Nordeste e a fome generalizada.⁴¹

Na conclusão, o que se constatou foi a convicção animada pelos participantes de que a atitude crítica, inspirada no Evangelho, é traço constitutivo da própria identidade das CEB's. O Encontro evidenciou que para os participantes das CEB's natureza e graça não se dissociam e a salvação reencontra o seu lugar, de onde nunca deveria ter saído na práxis cristã do ser humano.⁴²

O VI Encontro Intereclesial de CEB's realizou-se na cidade de Trindade (GO) de 21 a 25 de julho de 1986. O número de participantes foi bem mais numeroso com relação ao encontro anterior em Canindé. Desta vez, contaram-se 1.647 participantes dos quais 742 representantes das bases, 203 agentes de pastoral, 30 assessores, 51 bispos, 16 representantes de Igrejas evangélicas, 10 representantes dos povos indígenas, 56 observadores latino-americanos, 35 observadores nacionais, 17 observadores de outros países, além do pessoal da imprensa, documentação e equipes de serviços. O tema foi: **CEB's, povo de Deus em busca da terra prometida.**⁴³



Em Trindade haverá uma inflexão no caráter dos Encontros Intereclesiais, que passam agora a assumir uma relevância celebrativa mais acentuada como observa muito bem o teólogo e historiador Libânio ao dizer que sem deixar naturalmente de haver espaços para reflexões, análise da realidade social e eclesial, os principais tempos foram consagrados a grandes, vibrantes e festivas celebrações da fé e da vida do povo.⁴⁴

Alguns dos assessores que analisaram o Encontro sublinharam o contraste existente entre a riqueza e criatividade das celebrações populares e o formalismo rubricista das liturgias propriamente eucarísticas. Como explicar o embotamento da criatividade e espontaneidade nos momentos em que a comunidade se reúne para a celebração eucarística? Será que tal carência de vigor simbólico das liturgias eucarísticas é o tributo que as reformas litúrgicas pagaram ao racionalismo, ao gosto livresco, ao embotamento simbólico, à desvalori-

⁴¹ SEDOC. 16 (168). p. 273.

⁴² MIRANDA, Mário de França. O quinto encontro Intereclesial de comunidades eclesiais de base. *Perspectiva Teológica*. pp. 404-405.

⁴³ Sedoc, 19 (196) p. 388.

⁴⁴ LIBÂNIO, João Batista. VI Encontro Intereclesial das CEB's. *REB*, 46 (183) p. 498.

zação do corpo e portanto de toda expressão corporal, ao pudor excessivo na manifestação dos próprios sentimentos, à hieratização da música e a tantos outros fenômenos próprios da cultura dominante centro-européia, que se impôs a todos os outros espaços culturais pela sua força hegemônica e pelo poder centralizador de Roma? Em que medida as celebrações mais criativas poderiam contagiar as Eucaristias, de forma a ampliar suas potencialidades. Foram questões apontadas com pertinência por alguns dos assessores presentes.⁴⁵

O novo jeito de ser Igreja traduz a experiência das CEB's. Foi um dos temas de reflexão e aprofundamento que emergiram durante o VI Intereclesial. Clodovis Boff sublinhou três idéias que definiriam este novo modo de ser Igreja: "A palavra de Deus, a participação e a luta." E usa a analogia da roda para mostrar a experiência das comunidades como um conjunto organizado: "*O eixo é a Palavra de Deus. Os raios são os ministérios, as tarefas. O aro são as lutas que fazem o povo caminhar na história.*"⁴⁶

Na caracterização desse novo jeito de ser Igreja visibilizado pelas CEB's, as lutas encontram um espaço especial. Sabe-se que um dos traços mais característicos é a ligação da fé com a vida. Nas comunidades a experiência da fé nunca se esgota nela mesma, mas transborda para a história como serviço de libertação que envolve igualmente ações políticas.

Um dos focos de intensa discussão foi em torno da compreensão do estatuto eclesiológico das CEB's. Elas são um novo modo de ser Igreja ou o jeito novo de toda a Igreja ser? A segunda expressão indicaria o papel convocatório das CEB's, enquanto apelo para que toda a Igreja assuma a luta dos pobres. Clodovis Boff levantou interrogações sobre a pertinência de tal expressão: "*Será que só as CEB's constituem esse novo modo de ser Igreja, ou tem coisas a mais? O novo modo de ser Igreja é maior do que as CEB's.*"⁴⁷ O caminho seguindo por este autor para esclarecer melhor sua posição foi no sentido de articular a compreensão das CEB's no processo mais amplo de uma Igreja dos pobres, envolvendo também as estruturas da "Igreja tradicional" com suas várias instâncias, a religião popular católica, etc.. É curioso observar que, entre os destaques que foram apresentados ao final do Intereclesial sobre o documento final ficou explicitado: "*não dizer novo modo de toda Igreja ser, mas novo modo de ser Igreja.*"⁴⁸ O importante é sublinhar a forte interpelação suscitada pelas comunidades a toda a Igreja: Conversão à solidariedade com os empobrecidos, empenho com a causa da libertação integral em vista de uma sociedade igualitária

⁴⁵ SOUZA, Marcelo de Barros. *Uma grande festa de compromisso*. p. 545.

⁴⁶ BOFF, Clodovis. *Síntese dos Assessores*. Sedoc. 19 (196) p. 486.

⁴⁷ *Ibid.* p. 488.

⁴⁸ Sedoc, 19 (196). p. 492.

e de afirmação evangélica da vida. Isto significa que as CEB's constituem uma nova forma de ser Igreja.

Outro ponto que merece destaque como traço de novidade dos anos 80 na compreensão do significado e sentido das CEB's. Foram os debates pela diminuição das certezas e um aumento das indagações, percebe-se com mais clareza a existência de contradições na caminhada, como a dificuldade de presença das CEB's na grande massa, as tensões com a religião popular, a problemática do autoritarismo interno, a dificuldade da abertura plural etc.. Tanto a conjuntura eclesial mais ampla, como a nova conjuntura nacional e a crise do socialismo real abriam o espaço para a necessidade de incorporação de novas reflexões. Igualmente a experiência vivida pelas comunidades, as tensões e obstáculos encontrados em seu cotidiano.⁴⁹

Embora seja correto afirmar que a sensibilidade ecumênica tenha sido uma marca de todos os Intereclesiais, o despontar da questão ecumênica como evento significativo começou a ocorrer a partir do Encontro de Trindade.

Os evangélicos marcaram sua presença na assessoria, na condução de um culto penitencial, na Eucaristia do encerramento. *"A presença e envolvimento dos evangélicos criaram de fato as condições para a emergência da ecumenicidade como elemento singular do VI Intereclesial. Estiveram presentes no Encontro 19 evangélicos de 10 Estados do Brasil e de 6 Igrejas, além da representação estrangeira."*⁵⁰

O VII Encontro Intereclesial de CEB's realizou-se em Duque de Caxias (RJ) de 10 a 14 de julho de 1989. Teve como tema: **CEB's: Povo de Deus na América Latina a Caminho da Libertação.**

Entre os participantes do Encontro estavam 1.106 delegados regionais (leigos, religiosos, diáconos, padres), 85 bispos católicos, 39 assessores, 61 membros da comissão Ampliada e Equipe Central. 120 delegados de 12 Igrejas evangélicas, da Igreja Anglicana e da Igreja ortodoxa, incluindo 43 pastoras e pastores e cinco bispos, 30 representantes de povos indígenas, 83 participantes de 19 países da América Latina e 92 convidados, entre nacionais e estrangeiros. Somando estes



⁴⁹ Estas novas questões e desafios são agora assumidos e refletidos nas análises daqueles que falam de uma perspectiva positiva em relação às CEB's. Aprofunda-se uma nova consciência como realidade viva e em processo de criação e recriação. Ver.: TEIXEIRA, Faustino L. C. et. Alli. CEB's : Cidadania e modernidade. São Paulo, Paulina, 1993. Ver ainda: NOVAES, Regina. CEB's: objeto e sujeito. São Paulo, Loyola, 1991.

⁵⁰ BEOZZO, José Oscar. A dimensão latino-americana no VI Encontro Intereclesial das CEB's em Trindade. REB, 46 (183) pp. 512-526.

números com os representantes dos órgãos de imprensa e membros das equipes de serviço, o total dos participantes do VII Intereclesial atingiu, mais ou menos, 2.550 membros.⁵¹

Um traço peculiar deste Intereclesial foi o seu caráter urbano. Foi o primeiro Encontro que favoreceu o entrelaçamento dos participantes com a cidade. Num gesto de grande hospitalidade, mais de mil famílias da cidade de Duque de Caxias abriram suas casas para acolher os delegados. Estes puderam sentir um pouco a vida da cidade, muitos tendo que se deslocar em ônibus urbanos para os locais de moradia. Os locais de reunião eram também diversificados: o plenário principal no estádio municipal e uma das grandes celebrações do Encontro ocorreu numa praça da cidade, aberta para o público local.

O VII Intereclesial aconteceu num momento delicado da conjuntura eclesial. Num Encontro de tal amplitude, situações concretas que envolviam figuras comprometidas com as CEB's, acabavam ecoando na distância interna do evento, gerando desorientação e perplexidade. Suspeitas e acusações contra teólogos como Leonardo Boff e Carlos Mesters estavam sendo divulgados por alguns bispos nos jornais, acompanhando o ritmo de resistência de setores do Vaticano contra a caminhada da teologia da libertação. Projetos pastorais de grande alcance foram desarticulados, como o trabalho de Dom Hélder Câmara no Recife. A arquidiocese de São Paulo foi dividida, com a criação de quatro novas dioceses, sem atenção para com Dom Paulo Evaristo Arns. Alguns bispos mais abertos receberam cartas de advertência da Congregação dos Bispos, um deles foi Dom Pedro Casaldáliga.

Durante o Intereclesial, Leonardo Boff mencionou o clima de "inverno" que desceu sobre setores da Igreja, causando sofrimento. Sublinhou, porém, que isso não deve ser motivo de rebeldia ou desesperança. *"O caminho não está na ruptura com a Igreja, mas na permanência do sentir-se Igreja, pois o que está em causa na Igreja é muito maior do que a Igreja. Está em causa Deus, o seu Reino, Jesus Cristo, a força do seu Espírito. É daí que nós tiramos força para viver a contradição, a incompreensão e também as punições."*⁵²

Três artigos de bispos brasileiros trataram o tema das CEB's, no jornal do Brasil, às vésperas do Encontro de Duque de Caxias. Num dos artigos a preocupação era ressaltar a diferença existente entre as CEB's genuinamente eclesiais das outras hostis à hierarquia. Somente as primeiras poderiam recobrir a denominação de CEB's, pois cuidariam da pureza doutrinal e da comunhão com os pastores.⁵³ No segundo artigo, escrito por Dom José Freire Falcão, cardeal-arcebispo de Brasília, questiona-se o potencial evangelizador das CEB's,

⁵¹ Carta do VII Encontro Intereclesial de CEB's. REB, 49 (195). p. 687.

⁵² BOFF, Leonardo. *Eclesialidade das CEB's*. p. 368.

⁵³ VELOSO, Dom José Fernandes. *Por falar em CEB's*. Jornal do Brasil - 23/06/89.

sobretudo diante dos novos desafios urbanos. Para ele, as CEB's, constituídas de pessoas simples e de pouca instrução, estariam desprovidas de condições para uma atuação mais decisiva numa sociedade complexa como a nossa. Em seu artigo, sublinha que a supervalorização das Comunidades Eclesiais de Base pode ser frustrante para a ação pastoral da Igreja no Brasil.⁵⁴ No terceiro artigo, redigido por Dom Lucas Moreira Neves, então cardeal-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, procura justificar sua ausência no Encontro de Duque de Caxias, manifestando sua partilha na alegria e entusiasmo dos que nele irão participar. Aproveita para dar alguns conselhos aos participantes: *"humildade para o reconhecimento dos próprios limites da experiência, evitar as radicalizações ideológicas, contaminações ideológicas e polarizações eclesiológicas, salvaguardando a pureza e integridade das CEB's."*⁵⁵

No final do Encontro a avaliação dos participantes não se restringiu ao relato da situação de morte que impera no continente, foram destacados os sinais de resistências e esperança nas organizações populares, nas práticas de solidariedade e no compromisso libertador. O Encontro de Duque de Caxias revelou a intensificação da participação política dos membros das CEB's nos movimentos populares, nos sindicatos e partidos políticos. Uma das novas dimensões que caracterizou a experiência das CEB's foi a ecumenicidade - Um ecumenismo novo, nascido do serviço comum à missão libertadora.⁵⁶

3.1.5 - A conjuntura político e eclesial dos anos 90.

Em nível mundial, o início dos anos 90 foi palco de grandes transformações sociopolíticas e econômicas. Um dos acontecimentos históricos de maior impacto foi o colapso do comunismo do leste europeu em 1989, antecipando a queda do regime existente na União Soviética em 1991. Com o desaparecimento da ameaça do bloco socialista começa igualmente a decair a preocupação com a democracia política e a igualdade, o Estado do Bem-estar Social nos países avançados da democracia ocidental. O medo da ameaça socialista tinha sido grande estimulador das transformações sociais no capitalismo após a Segunda Guerra Mundial. Como sublinhou o historiador Eric Hobsbawm, *"o principal efeito de 1989 é que o capitalismo e os ricos pararam, por enquanto, de ter medo. Tudo o que fiz com que*

⁵⁴ FALCÃO, Dom José Freire. *As CEB's, uma resposta?* Jornal do Brasil - 07/07/89.

⁵⁵ NEVES, Dom Lucas Moreira. *Já que não vou a Caxias.* Jornal do Brasil - 12/07/89.

⁵⁶ CARTA do VII Encontro Intereclesial de CEB's. REB, 49 (195). p. 687.

*a democracia ocidental valesse a pena para seus povos - previdência social, o estado de bem-estar-social, uma renda alta e a diminuição de desigualdade social - resultou do medo de uma alternativa que existia na realidade e que podia se espalhar, notavelmente na forma do comunismo soviético.*⁵⁷

No momento em que se deu a queda do comunismo na Europa oriental e na União Soviética o neoliberalismo não vivia momentos de glória mas acabou sendo reforçado e, com ele, a fé teológica numa economia em que os recursos eram alocados inteiramente pelo mercado.⁵⁸ A política neoliberal foi adotada inicialmente na Inglaterra no governo de Thatcher e nos Estados Unidos no governo de Reagan. Na América Latina a dinâmica neoliberal começou sob a ditadura de Pinochet no Chile, depois estendeu-se ao México, Argentina, Venezuela e Peru. No Brasil este modelo foi adotado a partir do governo Collor em 1990, estando ainda hoje em plena fase de atuação.

Mesmo nas economias pós-comunistas do Leste a lógica neoliberal se fez sentir com grande intransigência, promovendo imensas desigualdades e empobrecimento brutal da população. O movimento neoliberal constitui um fenômeno ideológico, em escala mundial, como o capitalismo nunca tinha produzido no passado. A subordinação da humanidade à economia de mercado tem produzido conseqüências inevitáveis: a diminuição do investimento público em políticas sociais, o alargamento da distância entre mundo rico e mundo pobre e a crescente desigualdade social, a desregulamentação das relações trabalhistas e o aumento descomunal do desemprego. Na lógica neoliberal é o mercado que regula as relações trabalhistas. A ameaça do desemprego somada ao enfraquecimento dos sindicatos acaba favorecendo o papel regulador do mercado, livre de empecilhos problematizadores.

A realidade do desemprego, torna-se ainda mais problemática nos países do Terceiro Mundo, onde inexitem garantias de condições adequadas de vida. Não é sem razão que a violência criminal vem crescendo seja nos EUA, seja na Inglaterra, seja no Brasil. As atividades criminosas estão se tornando, mais que nunca, uma opção pela sobrevivência.⁵⁹

O início dos anos 90 no Brasil marca o início da implementação da política neoliberal, com a posse do presidente Fernando Collor de Mello. Em 1992, graves denúncias de corrupção governamental acabaram provocando grandes mobilizações populares, com diversas manifestações de oposição nas ruas em favor da ética na política. Este processo resultou no impeachment do presidente Collor. Outras denúncias de corrupção envolvendo uma série

⁵⁷ HOBSBAWM, Eric. **Depois da queda**. p. 103.

⁵⁸ Id. **A era dos extremos; o breve século XX**. p. 542.

⁵⁹ ANDERSON, Perry. **Balanco do neoliberalismo**. IN: op. cit., p. 22.

de parlamentares provocaram pela primeira vez no Brasil a prisão e perda de mandato de uma série de deputados.

Nas eleições presidenciais de 1994, a esquerda perde novamente e o candidato vitorioso acaba sendo Fernando Henrique Cardoso, que tinha sido um dos responsáveis pela instauração de um plano econômico de estabilização: o plano real, lançado já em período eleitoral. Com a eleição o projeto de estabilização do plano real ganha intensidade, no sentido de uma economia aberta de mercado.

Os custos sociais da estabilização econômica não são relativos: a partir da metade dos anos 90 o Brasil defronta-se com a realidade de uma profunda recessão, com o aumento geográfico do desemprego e substantivas perdas de massa salarial. A estratégia adotada aprofundou os níveis de desigualdade e exclusão social, revelando de forma palpável o rosto autoritário de um projeto anti-social. A hegemonia do neoliberalismo cerceou a perspectiva de ingresso das camadas populares na esfera dos bens e direitos sociais, aprofundando a sua condição de excluídos do sistema. A possibilidade de se pensar uma sociedade alternativa ao capitalismo fica bloqueada e instaura-se um clima de certa perplexidade e desencanto. O movimento popular, e também as CEB's, vive a experiência da subtração de um dos conteúdos reais que dava suporte a sua utopia.

Com a crise do socialismo vive-se também a crise da idéia de uma nova sociedade. Mas apesar dos horizontes desfavoráveis permanece ainda vivo o desejo de uma sociedade distinta, independente do nome que venha a ter: socialista, libertária ou outro qualquer. É o desafio da busca de uma nova utopia, de uma sociedade onde as pessoas possam viver com dignidade. A defesa desta nova utopia assenta-se no fato de que o capitalismo ainda cria contradições e problemas que não consegue resolver e gera tanto a desigualdade como a desumanidade.⁶⁰

Com respeito à conjuntura eclesial católica, os anos 90 refletem a continuidade do projeto centralizador, levado em frente pelo Vaticano, que vem se afirmando desde a década de 80. Trata-se de um projeto de uma igreja centralizada (para dentro) e visando uma presença social forte, compacta (para fora). O eixo aí é a autoridade hierárquica, com seu poder de mando a exigir obediência das bases. A restauração interna da autoridade é vista com condição de reconquista cristã da sociedade.⁶¹ A força do projeto de centralização conservadora revela-se no processo de sua dinâmica interna, tanto a nível da Igreja universal como a nível das Igrejas locais. O projeto da "volta à grande disciplina" pressupõe uma

⁶⁰ HOBBSAWM, Eric. **Depois da queda**. p. 268.

⁶¹ BOFF, Clodovis. IN: ISER. **Reflexo sobre a conjuntura**. p. 42.

Igreja forte e coesa em torno de seus pastores. Daí a preocupação de enquadrar as Conferências Episcopais, disciplinar os teólogos e religiosos e cuidar rigorosamente da questão da nomeação de bispos. Para a consolidação institucional e canônica da restauração usarão vários mecanismos, entre eles, a aplicação do novo código de Direito Canônico e o Catecismo da Igreja Católica, bem como a nova regulamentação litúrgica, com o documento da congregação para o culto Divino, sobre Liturgia Romana e Inculturada.

Em nível de Igrejas locais, o projeto de participação em curso sofre evidente desaceleração e, para tanto, jogam as condições adversas do impacto neoliberal, o fracasso da esperança socialista, mas igualmente a dinâmica de restauração e busca de um novo equilíbrio eclesial propostos pelo magistério da Igreja.

A proposta agora é de uma “nova evangelização”. Nesse projeto o que conta decisivamente é o anúncio explícito de Cristo. A dinâmica testemunhal é de compromisso com os valores evangélicos como a justiça e a paz, passam para segundo plano.

Como vimos no capítulo anterior, a conferência geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo destacam-se o maior alinhamento da Igreja latino-americana com a atual política restauradora do Vaticano e a preocupação com a dimensão especificamente religiosa e missionária da Igreja, com enfraquecimento de seu compromisso social. O projeto participativo e libertador levado a efeito pela Igreja Católica no Brasil, que já vinha sofrendo resistência do Vaticano desde a década anterior, enfrenta novos embates nos anos 90. Por inibição decorrente de diversas pressões, há um enfraquecimento da presença pública da Igreja, de modo particular da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB), marcada por grande atuação nos anos anteriores. A onda restauradora incide igualmente sobre outras instâncias particulares da pastoral, sobretudo nas CEB's bloqueando o seu dinamismo e imprimindo uma perspectiva eclesial em tom menor.

Mas uma leitura da conjuntura eclesial não pode fixar-se exclusivamente no itinerário das esferas institucionais. Como cita Beozzo, *“uma leitura que parte dos embates entre esferas de poder, deixa na sombra e chega mesmo a ocultar um outro lado da realidade: a imensa vitalidade da Igreja do Brasil, em sua vida de cada dia, a consolidação e o avanço dos trabalhos das CEB's de uma liturgia mais encarnada e popular, da multiplicação dos ministérios, da vida religiosa inserida, do ecumenismo, do compromisso social e político dos cristãos, do surgimento no seio da Teologia da Libertação de uma teologia ne-*

*gra, indígena, feminina, ao lado da recuperação crítica e ecumênica da memória histórica da Igreja do Brasil e da América Latina.*⁶²

3.1.6 - Os Intereclesiais da década de 90

O VIII Encontro Intereclesial de CEB's realizou-se em Santa Maria (RS) de 08 a 12 de setembro de 1992. Teve como tema: **CEB's: Culturas oprimidas e a evangelização na América Latina.**

O Encontro contou com a participação de 2.238 delegados brasileiros, representando suas comunidades, bem como 88 de outros países da América Latina e Caribe. Entre os participantes, 1.469 eram leigos, 335 religiosos, 98 bispos (dos quais 66 católicos), 50 assessores, 106 evangélicos (dos quais 35 pastoras e pastores), 43 índios, 1 pajé, 2 pais de santo e 1 mãe de santo, além das 40 equipes de serviços.⁶³



O Encontro de Santa Maria, realizou-se num momento particularmente difícil da vida política brasileira, quando toda a sociedade civil unia-se em torno das críticas à corrupção do governo Collor, buscando uma saída ética e democrática para a crise, que acabou resultando no impeachment do presidente no final do ano. A conjuntura eclesial era igualmente desfavorável. A escolha da abordagem das culturas oprimidas e a evangelização na América Latina foi pensada em função da sintonia com o tema da IV Assembléia Episcopal Latino-Americana em Santo Domingo que realizar-se-ia um mês após o Intereclesial de Santa Maria. Uma justificativa para tal opção é o fato de que as CEB's desabrocharam no meio dos pobres e cada vez mais se expressam na linguagem e nos símbolos de suas culturas oprimidas. Quer explicitar o rosto e a voz de Deus, tanto tempo escondidos e silenciados. A escolha do tema da cultura como eixo, acrescenta um elemento novo na tradição dos Intereclesiais. Em geral, nos encontros anteriores a temática da fé e política ocupava um lugar de destaque nas reflexões e celebrações. A questão da cultura, ainda que presente, não tocava de forma decisiva os participantes. Mesmo entre muitos teólogos da libertação a resistência ao tema era cerrada, como mostram Clodovis Boff, nos embates ocorridos nos encontros dos teólogos do

⁶² BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil*. p. 291.

⁶³ VIII Encontro Intereclesial de CEB's - Documentos. Sedoc, 25 (235). p. 351.

terceiro mundo. Foram acusados de alienação na sua reflexão sobre a cultura. cf. FARINA, Aldo.⁶⁴

No Brasil, a reflexão sobre inculturação estava apenas se iniciando. Os conflitos apenas afloravam, já que se travestiam freqüentemente de jogos simbólicos, que escapavam à análise da cléricatura. Com conceitos e dentro de parâmetros de uma teologia ocidental, pensava-se que se podiam resolver e equacionar os problemas. Agora rompe-se esse quadro referencial e introduzem-se novos marcos culturais de outra natureza. O despreparo da teologia, da liturgia, presentes em nosso País, é enorme.⁶⁵ A emergência dessa temática produziu um efeito de profunda repercussão na vida das comunidades e na sua relação com a grande Igreja. Se antes, a temática fé e política já havia causado tensão e desconforto, a entrada desta nova questão exerceu um impacto ainda mais explosivo. A emergência de uma reflexão que privilegia a questão da cultura, particularmente quando se trata da cultura religiosa, aciona energias inauditas ou abafadas. É um tema que atravessa as pessoas por dentro, acionando emoções, permite a emergência da questão do autoritarismo na dinâmica da vida eclesial. A Igreja aparece diretamente como a força opressora. É ela que se mostra marcada por uma cultura branca, machista, ocidental e que, sobretudo nos seus centros de poder, sente dificuldade com a inculturação da fé, da liturgia, da canonística no mundo negro, ameríndio e feminino. O tema teve caráter explosivo. Na experiência, celebrações e reflexão aconteceu tensões e desafios emergiram, suscitando um novo discernimento da comunidade eclesial presente. Como está assinalado na Carta final: *“Mais que uma simples reflexão, fizemos uma experiência de evangelização a partir dos povos e culturas oprimidas. Por isso houve alguns momentos fortes de tensão e sofrimento. Tudo o que é novo, nasce com dor de parto, mas também traz alegria.”*⁶⁶

O tema da inculturação criou as condições necessárias para a irrupção do direito de participação e vida dos negros e mulheres com sua cidadania garantida no espaço eclesial, tomando a palavra num duplo tom celebrativo e reivindicativo. Foi um grito abafado que explodiu e os paradigmas do catolicismo branco ocidental tem dificuldades para dar conta dessas novas perguntas e desafios. Implodem. Questionando a identidade hegemônica da cultura branca, ocidental e androcêntrica, os negros apontavam a sua contribuição para a afirmação de um rosto novo de Igreja, de respeito pelas diferenças culturais e propiciador da legitimidade de uma maneira própria de expressão da fé; seus gestos, danças e alegria fala-

⁶⁴ II Regno, 18 (619), p. 546.

⁶⁵ LIBÂNIO, João Batista. VIII Encontro... Art. cit., p. 791.

⁶⁶ DOCUMENTO Final. Sedoc. 25 (235), p. 363.

ram mais forte, evidenciando de forma viva os contornos de um novo jeito de ser Igreja. O Encontro forçosamente ampliou, se não o conceito de ecumenismo, ao menos o leque de questões em torno da discussão ecumênica.⁶⁷

Um dos momentos de maior tensão no Intereclesial ocorreu quando se procedeu a apresentação ao grande público dos bispos, pastoras e pastores presentes. Por se tratar de um encontro católico, ainda que aberto à prática ecumênica, julgou-se impropriedade convidar o pajé e os babalorixás presentes para subirem ao palco como pastores de suas religiões. O desconforto criado por tal situação gerou uma manifestação inusitada de protestos. A afirmação de cidadania eclesial das mulheres ocorreu igualmente com expressividade e contundência. É sabido o papel fundamental exercido pelas mulheres no cotidiano das CEB's no Brasil. Constituem a força viva de animação e liderança nas comunidades. No documento final do encontro, elas puderam tornar presente o sentido de um novo feminismo que desponta nas CEB's. Sublinham a importância do reconhecimento do seu lugar na Igreja, em igualdade de condições e o seu direito de participar em todos os níveis de poder e decisão. Insistem também no respeito por sua identidade feminina e o direito de lutar pela autovalorização do próprio corpo, redescobrando sua sexualidade e construindo o novo nas relações homem-mulher.

O estilo da carta final era muito forte, traduzindo a consciência de um pequeno grupo. As mulheres afirmam: *"Queremos ser reconhecidas nos ministérios que já exercemos. Nosso empenho deve ser, mais ainda, pela conquista não apenas das assembleias e tribunas, mas também dos altares e dos púlpitos. É fazendo que se aprende! O que não está oficializado se oficializa pela prática!"*⁶⁸

O Encontro de Santa Maria trazia em seu bojo temas extremamente complexos, dolorosos e desafiantes. As tensões e conflitos que nele surgiram expressavam as dificuldades já vivenciadas no cotidiano das comunidades, mas também os novos desafios a serem enfrentados em espírito de comunhão. Daí a importância de entender como impulso e estímulo para a busca de novas soluções para a caminhada em curso. Em nível eclesial, o Encontro deixou certa perplexidade, o que reflete o novo clima da conjuntura eclesial em vigor. Ao mesmo tempo revelou um amadurecimento litúrgico e espiritual das comunidades.

Terminado o Encontro, o bispo diocesano de Santa Maria, Dom Ivo Lorscheiter, escreve uma carta aos seus irmãos no episcopado e nesta carta, datada de 16 de setembro de 1992, ele levanta alguns pontos para a reflexão dos bispos, entre os quais uma profunda re-

⁶⁷ RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *Novos desafios para um novo milênio*. p. 205.

⁶⁸ DOCUMENTO Final. Sedoc, 25 (235) p. 364.

visão dos Encontros Intereclesiais: *“Qual é sua verdadeira finalidade? Quem deve deles participar e com que responsabilidade? Como devem ocorrer a elaboração e aprovação de eventuais cartas, mensagens e moções? Como vai assegurar-se o correto Ecumenismo e o correto Diálogo Inter-religioso num Encontro de comunidades católica?”*⁶⁹

Acolhendo a sugestão de Dom Ivo, os bispos do Brasil, através do Conselho Permanente da CNBB, enviaram uma carta dirigida às Comunidades Eclesiais de Base, sublinhando a importância da comunhão eclesial como essencial característica das CEB's e apontando desafios a serem enfrentados, tais como: lidar com a massa, abertura à religiosidade e cultura do povo, espiritualidade e articulação entre si e com as outras Igrejas, sublinhando também a necessidade de preparação das comunidades para o diálogo com outras religiões. Entre os assuntos que devem ser aprofundados, os bispos sugerem o tema da eclesialidade das CEB's (sua identidade católica). Nasce igualmente uma sugestão de se manter o diálogo da CNBB sobre estes temas com representantes das CEB's.⁷⁰

O secretariado das CEB's para os Intereclesiais responde que o significado dos Intereclesiais, enquanto fruto da caminhada das CEB's e momentos fortes de celebração, avaliação e reabastecimento para as comunidades, em nível de Brasil, não constitui um movimento ou organização centralizada, mas é antes um serviço e uma oportunidade que uma igreja local assume para facilitar o intercâmbio entre as CEB's, em nível de Brasil. Esclarecem que a comissão do secretariado constitui, em nível de reflexão temática a principal instância de decisão sobre o Intereclesial. Ao final esclarece e relativiza os conflitos ocorridos em Santa Maria. Afirmando que *“antes de espantar deveriam ser vistos como sinais de vitalidade e estímulo para buscar soluções.”*⁷¹

O nono Intereclesial vai acontecer dentro do perfil definido no diálogo CEB's-CNBB: será católico, porém aberto ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso. E só vai acontecer cinco anos depois.

O IX Encontro Intereclesial de CEB's realizou-se em São Luís (MA) de 15 à 19 de julho de 1997. Teve como tema: **“CEB's: Vida e esperança nas massas.”** Contou com a participação de 240 dioceses do Brasil. Havia 2.359 delegados, sendo a maioria mulheres. Ao todo eram



⁶⁹ CARTA aos irmãos do episcopado. IN: CNBB - Linha 1. Diálogo CNBB-CEB's. p. 9.

⁷⁰ CARTA às Comunidades Eclesiais de Base. IN: CNBB - Linha 1. Diálogo CNBB-CEB's. Op. cit., pp. 14-17

⁷¹ CONTRIBUIÇÃO do Secretariado de CEB's. IN: Diálogo CNBB-CEB's. Op. cit., pp. 11-12.

2.798 participantes, incluindo 57 bispos, 66 participantes de Igrejas Evangélicas; 65 de outros países da América Latina e do Caribe; 53 representantes de 33 Povos Indígenas; 89 solidários vindos do mundo inteiro e mais 53 assessores e assessoras.⁷²

O contexto social em que aconteceu o nono Intereclesial foi de hegemonia do neoliberalismo, provocando recuo de todo pensamento alternativo. O contexto eclesial é de pós-Santo Domingo, ou seja, de consolidação do centralismo eclesiástico, cujos efeitos já chegam as bases. O tema é novo: massas, visto em seus vários aspectos. Mas trabalhado esse tema-eixo, o Intereclesial de São Luís também aborda outros problemas que afetam seu cotidiano. Elas situam-se no seio do catolicismo popular, espaço onde antigas vivências se renovam e de velhas raízes brotam novas experiências. O fermento que as CEB's podem levar às massas do Catolicismo Popular é aprender a ler a Bíblia na vida e dele recebem uma fé de resistência, grande riqueza de simbolismos e de práticas religiosas. No confronto com as religiões afro-brasileiras emergiram pontos que ajudaram a superar preconceitos e discriminações existentes. Superando uma visão meramente folclórica nas diversas expressões que vai das congadas aos terreiros. Diante do pentecostalismo viram que precisavam vencer preconceitos em relação aos membros das Igrejas Pentecostais e, dentro da Igreja católica, em relação à Renovação Carismática. Para entrar no diálogo é preciso partir da convivência cotidiana e dar ações e lutas concretas em favor do povo, aí aparece um caminho novo de diálogo ecumênico.

Foram inúmeras as manifestações de uma nova sensibilidade e perspectiva dialogal manifestadas nos plenários. Esta perspectiva de hospitalidade inter-religiosa foi a tônica da intervenção dos assessores.

Muito embora, esta atitude não tenha sido correspondida por determinados setores da renovação carismática católica que, após o encontro, enviaram documentos à CNBB condenando a presença da mãe de santo durante as celebrações do evento. Os carismáticos denunciaram sobretudo o risco do "sincretismo"⁷³ nas CEB's e o comprometimento de sua identidade católica. Trata-se de um sintoma típico de um movimento que não conseguiu avançar na reflexão teológica e na sensibilidade dialogal que moveu suas energias no próprio Concílio Vaticano II.

O IX Intereclesial colocou em evidência um tema que vem assumindo cada vez mais importância na trajetória das comunidades, a questão da inculturação libertadora e da

⁷² DOCUMENTO Final. IN: Diálogo. CNBB-CEB's. Op. cit., p. 42.

⁷³ Sincretismo é a mistura de elementos de duas ou mais religiões. Por exemplo, prática sincretismo quem é, ao mesmo tempo, católico e do candomblé.

construção de um projeto de Igreja ecumênico, aberto às diferenças e ao diálogo num mundo plural. A experiência concreta vivida pelas CEB's e as reflexões que acompanham esta experiência, em particular sobre os desafios da inculturação da fé no contexto latino-americano têm muito o que oferecer como contribuição para a nova configuração histórica do cristianismo neste novo milênio.

No final do encontro, os bispos católicos presentes escrevem uma carta dando testemunho da importância desses Intereclesiais das CEB's. Uma vez que o novo aconteceu dentro dos limites impostos pela Igreja. Eles citam: "O Intereclesial de São Luís do Maranhão está sendo uma enorme celebração da vida, queremos testemunhar com simplicidade e alegria, profunda confiança nessa forma de ser Igreja, Expressamos nossa gratidão e respeito e estima pelo exemplo de fé e coragem de muitos membros das CEB's. Há mais de 30 anos, elas constituem sementes de esperança da Igreja Católica."⁷⁴

Estava outra vez refeita as pazes da hierarquia eclesial com as Comunidades Eclesiais de Base. Ainda em São Luís do Maranhão surgiram várias propostas quanto a data, local e tema para o próximo encontro.

O X Encontro Intereclesial de CEB's realizou-se na cidade de Ilhéus (BA) de 11 a 15 de julho de 2000. Teve como tema: **CEB's: povo de Deus, 2000 anos de caminhada.**

Contou com a participação das comunidades de todo o Estado. 1128 pessoas asseguravam o funcionamento dos mais diversos serviços. Dos 309 bispos da Igreja Católica, 63 estiveram presente. Das 267 dioceses brasileiras, 231 estiveram representadas. Eram 1.268 mulheres e 1.128 homens, delegados enviados pelas comunidades. 73 evangélicos e 58 indígenas de 27 povos; representantes de comunidades de 15 países da América Latina e do Caribe, de outros países da Europa e da África, comunicadores, jornalistas, artistas e assessores, totalizando 3.036 participantes.⁷⁵

No 10º Intereclesial das CEB's verificou-se que está acontecendo um processo de crescimento quantitativo e qualitativo das comunidades, que se dá no cotidiano, no miúdo, na perseverança, em uma gestação.

- Elas se firmam no aprofundamento bíblico no espírito da Leitura popular;
- Mantém um diálogo crítico e criativo que fomenta o ecumenismo;



⁷⁴ DOCUMENTO Final. IN: Diálogo CNBB-CEB's. Op. cit., pp. 55-56.

⁷⁵ Ibid.

- São aprendizes dos irmãos indígenas, dos sem terras organizados e destemidos das culturas afro-brasileiras, enfim dos excluídos.
- Assumiram a opção pelos pobres e são sementeiras de movimentos populares. Mas muitas delas estão nascendo a partir dos movimentos populares.

O décimo Intereclesial foi interpretado como o Encontro do Mutirão. E na avaliação final o que predominou foram as grandes celebrações.

Ao propor as CEB's o tema, como "povo de Deus" inseridas nos "dois mil anos de caminhada" do cristianismo, estava retomando dois horizontes maiores na experiência das CEB's: sua consciência de serem herdeiras do sonho de Jesus, como comunidades, congregadas em torno de sua palavra, alimentadas pela Eucaristia e animadas pelo Espírito Santo para serem suas testemunhas no mundo.⁷⁶ O segundo horizonte brotou do Concílio Vaticano II, ao se pensar a Igreja como Povo de Deus, todo ele sacerdotal, profético e real e por isso mesmo todo ministerial. Esta intuição levou ao rápido disseminar de comunidades de base, como foi o despertar dos bispos da América Latina na Conferência em Medellín.

O décimo Intereclesial quis ser e foi uma grande festa celebrativa para comemorar o Jubileu do ano 2000, 500 anos do Brasil e 25 anos dos Intereclesiais das CEB's, como sementes do reino que continuaram florescendo nas comunidades, e propostas comuns à grande caminhada nas diferentes regiões do país.

Eis, pois, como se apresenta a trajetória dos Intereclesiais. Contudo importa aqui revelar que existem três traços essenciais que estiveram bem presentes em todos os encontros, ora mais, ora menos acentuados: a referência à palavra de Deus, considerada sempre como o elemento central da identidade e da vida das CEB's; as celebrações, como momentos altos dos encontros; e por fim, a comunhão eclesial, expressa de muitos modos: seja pela presença dos Padres e bispos, seja pelo modo mesmo com que as CEB's testemunhavam sua relação com a grande Igreja e seus pastores.

⁷⁶ Puebla. pp. 641-643.

4 - A IGREJA DE NATAL E SUAS ORGANIZAÇÕES

*“Procurando a liberdade, caminheiro,
Procurando a liberdade, também vou.
Procurando a liberdade de viver
Caminhando eu vou, procurando eu vou.”*

Canção popular

A cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, apresentou durante a 2ª grande guerra, um rápido crescimento, advindo principalmente de sua estratégica localização geográfica, que serviu como ponto de apoio ao lúvio de tropas militares norte-americanas para o palco central das lutas na África e na Europa.

A cidade foi alterada profundamente em sua rotina diária. Ocorreu uma rápida transformação; os bares, cassinos e cabarés se multiplicaram. O comércio de um modo geral cresceu, e cresceu também o nível de novos empregos, canalizando para a capital levas de desempregados, em sua maioria vindos do campo, atraídos pelo surto de riqueza advindo dos dólares americano em busca de trabalho.

Com o término da Guerra e a conseqüente retirada das tropas norte-americanas, a cidade mergulhou em grave crise, tanto pela rescisão econômico-financeira, quanto pelos novos costumes e as novas aspirações. A crise social se torna mais aguda com a diminuição de empregos e de atividades lucrativas, sustentadas pelo dólar.

A Igreja local, que já havia criado a Juventude Feminina Católica e a Juventude Masculina Católica, nesse período de pós-guerra, resolveu ampliar sua ação, de acordo com a orientação nacional, que havia assumido posições mais liberais e democráticas, sob a influência da “reconversão política” do país e com a ajuda do Estado funda a Escola de Serviço Social que vai ser um dos pilares de sustentação do Movimento de Natal na década de 1950.

Se destaca aqui o nome de dois jovens sacerdotes, Pe. Eugênio Sales e Pe. Nivaldo Monte.⁷⁷ Ambos eram assistentes eclesiais da Juventude Feminista Católica (JFC) e Juventude Masculina Católica (JMC) e preocupados com a crise pela qual passava a cidade do Natal, resolveram escrever um “apostolado de ação” extrapolando o âmbito das “Igrejas e Sacristias.”

Entretanto, sem negar o dinamismo desses clérigos, é possível considerar a ação desenvolvida pelo “Movimento de Natal” como fazendo parte de um contexto maior de mudanças tanto nacional, como internacional: de um lado provocadas pelo desenvolvimento das relações de produção capitalista, diante do reordenamento das suas forças mundiais, e pelo crescimento do comunismo, e por outro, as alterações ocorridas na conduta da própria Igreja, que, diante da nova conjuntura mundial sente, necessidade de modificar sua ação pastoral, para atingir maior abrangências dos seus fieis. Daí o fortalecimento da Ação Católica e as mudanças introduzidas com seu “apostolado de ação”, em lugar de um exclusivo “apostolado de oração.”

Na verdade, a ação desenvolvida pela Ação Católica, no Rio Grande do Norte, era um trabalho puramente catequético. A Igreja limitava-se a exercer atividades assistencialistas, em colaboração com a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e com o Serviço Estadual de Reeducação a Assistência Social.

A Diocese de Natal intensificou mesmo, sua ação de trabalho social, a partir da criação do Serviço de Assistência Rural (SAR), em 1951. Documentos do SAR afirmam que o funcionamento dessa Escola deu um cunho mais científico as atividades desenvolvidas pelos Movimentos da Igreja, que, inicialmente, estavam localizadas nos centros urbanos, mais precisamente nas periferias das cidades. Só depois estenderam-se ao campo.

O SAR foi criado na época da expansão da Ação Católica, com o objetivo de formar agentes pastorais, através das missões rurais. Havia uma preocupação com o problema do êxodo rural, que agravava a “questão social” nos centros urbanos. Estava na ordem do dia o projeto da industrialização autônoma, tendo em vista as condições externas relativamente favoráveis. A industrialização urbana alterou as relações de produção no campo, provocando a modernização das empresas rurais e modificando as relações de trabalho dos sistemas de meia, terça, cambão, para formas assalariadas de trabalho, expulsando os trabalhadores de campo, os quais encontravam como saída a migração para as cidades. Em Natal, a Igreja, em sintonia com os projetos e programas governamentais, voltou suas atividades preferencialmente para o meio rural. Ela arvora-se sempre da condição de responsável pelos destinos

⁷⁷ Pe. Nivaldo Monte é hoje Arcebispo aposentado da Arquidiocese de Natal e Pe. Eugênio Sales é atualmente Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro e um dos líderes da denominada “ala conservadora da Igreja.”

da sociedade e que é o elemento organizativo, através de seus intelectuais e junto com o Estado, ser responsável pela elevação das condições de vida do homem do campo. O que vem a mostrar uma visão fora do contexto da realidade, pois parece ser suficiente um interesse vivo e operante pelas condições de vida do homem do campo para os problemas serem solucionados. Afastando-se dos condicionantes sociais, econômicos e culturais, do mundo urbano.

Diante do desequilíbrio da desordem, da modernidade, as “comunidades rurais” irão representar a ordem, o equilíbrio, a organização de estabilidade que levarão ao desenvolvimento. Essa ideologia de comunidade constituiu-se num dos pilares do Movimento de Natal na década de 60.

Segundo Frei Betto, alguns autores consideram que nas atividades iniciadas em Nísia Floresta estão as origens do aparecimento das primeiras Comunidades Eclesiais de Base.⁷⁸

Foi a partir das atividades das missões rurais que iniciou-se o programa de “treinamento de líderes”, com o objetivo de preparar as bases para dar continuidade ao trabalho, iniciado por Pe. Eugênio Sales, o qual vai dar suporte à organização e desenvolvimento das comunidades.

Merece destaque, aqui, o que estava acontecendo em âmbito nacional. A Igreja do Brasil organizava-se internamente criando a CNBB, que congregaria o episcopado brasileiro e daria uma nova dimensão aos trabalhos até então desenvolvidos.

D. Helder Câmara, maior incentivador da CNBB e seu primeiro Secretário-Geral, foi o articulador entre esse organismo e os demais movimentos da Ação Católica.⁷⁹ Acredita-se que a CNBB influenciou e recebeu influência do Movimento de Natal, cujo caráter inovador tornou-se pioneiro de práticas inéditas na Igreja brasileira, a exemplo dos planos pastorais, das campanhas da fraternidade, de encontros entre o clero, nascido da dinâmica dos trabalhos do movimento de Natal, que desenvolveu suas atividades intimamente associado à CNBB. Está foi sempre uma característica da Igreja de Natal, a busca pela legalidade. Desenvolvendo suas atividades em comum acordo como as diretrizes oficiais, embora essas atividades se mostrassem revestidas por uma tendência inovadora. Quer dizer a Igreja local inova ao iniciar um trabalho, mas o fará em “colaboração com os poderes”, sejam eles eclesiais ou governamentais. Nesse sentido a Igreja não avança, mas retarda as lutas da classe trabalhadora em busca de transformações mais radicais da sociedade.

⁷⁸ BETTO, Frei. Comunidades Eclesiais de Base. p. 16.

⁷⁹ BEOZZO, Oscar. Igreja no Brasil... p. 51.

Na década de 70, a diocese de Natal participa da articulação das CEB's, em caráter nacional, apenas enviando representantes aos Intereclesiais. Mas não existe uma articulação local entre as Comunidades Eclesiais de Base, aqui existentes.

4.1 - Estratégia de atuação das CEB's e sua articulação nos anos 80.

No início da década de 80 foi sendo estimulado no regional Nordeste II,⁸⁰ a formação de equipes ou comissões diocesanas de CEB's. No momento, existem equipes em 18 das 20 dioceses, estando desarticuladas apenas Palmeira dos Índios (AL) e Nazaré da Mata (PE).

A composição destas equipes é formada por clérigos e leigos, agentes pastorais e animadores. Num processo de eleição em assembléias realizadas pelas CEB's ou pela diocese. Existem nestas comissões uma predominância de leigos.

São três as balizes deste trabalho, segundo seus organizadores, os quais buscam uma unanimidade nos objetivos que são: A articulação, uma tentativa de conjuntar as CEB's numa rede de comunicação mútua; A assessoria realizando encontros nas comunidades e fazendo das suas próprias reuniões de equipe momentos de reflexão crítica em relação à caminhada local das CEB's. E, por último, a formação que tem como base a troca de experiências dos animadores, criando maior consciências de ser Igreja, com mais autonomia e criatividade.

Nota-se na programação a firmeza com que esta tarefa é assumida pelas equipes diocesanas: na Arquidiocese de Natal as reuniões são mensais e existem uma variedade de atividades promovidas, participadas ou provocadas pela equipe.

A comissão diocesana procura tecer uma rede de comunicação entre as CEB's. Ela tira as comunidades de seu isolamento e tecem novas relações de participação eclesial. Seja através de encontros, através da oferta de subsídios de reflexão e de celebração, seja através de concentrações festivas. É importante notar este aspecto de um novo tecido eclesial. Esse tecido não é mais exclusivamente paroquial. O território eclesiástico não é determinante para as CEB's mas a realidade é a missão comum. Quer dizer, uma articulação promovida por uma comissão diocesana ou zonal de CEB's pode não só oferecer um novo espaço de vivência mas também uma outra qualidade de ser Igreja, em que se supera os males

⁸⁰ Divisão criada pela CNBB. O regional NE II é formado por quatro Estados: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas e juntas possuem vinte dioceses.

eclesiológicos de clericalismo, autoritarismo e sacramentalismo inerentes à paróquia. É então, neste duplo sentido que a articulação pode romper limites da paróquia.

Na lógica de uma Igreja com estruturas autoritária como é a Igreja Católica de Comunhão Romana, é favorável que a comissão de CEB's conte com autorização do bispo. Em alguns casos só se abrem as portas da paróquia, considerada como se fosse um feudo do senhor padre, com o poder delegado de uma autoridade maior, o bispo.

A programação das equipes diocesanas evidencia, freqüentemente, os vínculos existentes entre as CEB's e pastorais populares, movimentos eclesiais de cunho libertador e organizações de serviço pastoral. Há articulação por ocasião de uma atividade comum (um retiro, uma romaria da terra...) ou de maneira mais sistemática e permanente no intuito da complementaridade entre uma pastoral mais comunitária e uma pastoral mais específica. O que se chama a esta articulação de "Igreja na Base."

Outro aspecto que se percebe nas CEB's de Natal é o desafio da inserção delas na sociedade civil. Na medida em que a sociedade civil se seculariza através de um leque amplo de organizações e movimentos populares autônomos e não-confessionais tais como ONGS, sindicatos e comissões de fabricas. E que ela se torna mais pluralista, lança-se a questão sobre o papel social e político das CEB's ou mais amplamente, da Igreja dos pobres neste novo cenário político. Como também da sua voz no meio de tantas outras vozes que agora eclodem e soam sem a tutela, às vezes paternalista da Igreja hierárquica. Articulação neste campo significa a Igreja dos pobres se assumindo como uma expressão do movimento popular, sintonizando sua voz com este coral, sem renunciar a seu específico.

Outro dado que se percebe no calendário das CEB's são os eventos maiores. - talvez não se chegue perto das massas aglomeradas em estádios pelo movimento de Renovação Carismático ou pela Igreja Universal do Reino de Deus - . Elas conseguem reunir seus membros por ocasião do Natal das comunidades, da Romaria das CEB's, da celebração de Pentecostes, da Festa de Cristo Rei e tantas outras festividades que acontecem na Arquidiocese de Natal.

Ficou claro que as CEB's constituem um fio entre tantos outros que compõem o tecido eclesial. Se elas fossem, de fato, um jeito novo de toda a Igreja ser, toda a Igreja diocesana seria permeada por este tecido das CEB's. O pluralismo presente dentro da Igreja põe um fim o qual quer triunfalismo ou qualquer postura exclusivista.

As CEB's são diferentes do movimento carismático. A sua luta por autonomia mostra que elas também estão começando a desejar uma identidade própria diferenciada das

paróquias que são seu berço de nascimento e seu leito de articulação. Elas se colocam em oposição ao poder centralizador e autoritário do clero, à cultura patriarcal manifesta na vida sacramental, e a concentração da eclesialidade na administração dos sacramentos e na comunhão com o pároco.

O desafio é de que maneira conviver com estas diferenças. É preciso uma atitude, de tolerância, de abertura que não exclui aprendizagem recíproca. Neste sentido os desafios promovem uma crise nas CEB's que, de repente, descobrem que não há receitas permanentes para uma evangelização libertadora. Pode ser que hajam ingredientes permanentes mas a dosagem, as acentuações no trabalho, alteram-se.

Analisando-as, percebe-se o desejo das CEB's de terem maior autonomia, maior definição da sua própria identidade, inclusive, através de uma articulação própria de comunidade para comunidade, independente das estruturas paroquiais. Em Natal surge uma "rede" de articulação na qual os participantes que se associam, querem conservar a autonomia própria, não reconhecendo uma coordenação, mas uma equipe responsável para facilitar a articulação, que favoreçam a circulação de informações, e que exista em função de um objetivo comum.

4.2 - As CEB's e a cultura moderna dos anos 90.

A grande questão da atualidade para as CEB's, no seu jeito de ser Igreja é como integrar essa multidão de marginalizados que vive excluída na sociedade. É evidentemente necessário que se conheça e se analise sua cultura.

Tomemos as CEB's de Natal e a sua relação com a cultura popular no seu conjunto. Ultimamente, ouvem-se muitas críticas à cultura da libertação ou da conscientização levado em frente no seio das comunidades. Essas críticas se centram no exagero de racionalismo presente nas CEB's, com descuido da dimensão simbólica e celebrativa chegando a afastar as CEB's do resto do povo. O seu novo jeito de organização rompeu com a antiga cultura do povo que era devocionária.

A cultura da conscientização representa um avanço irreversível no trabalho das CEB's. Incorporar a racionalidade histórico-política é o seu lado moderno, a partir do qual elas podem enfrentar com armas iguais a racionalidade da cultura dominante. As comunida-

des se questionam como é possível assumir a causa do povo com sua cultura. Se a libertação é para todos, ela só pode se fazer ao jeito do povo, exprimindo-se em sua própria cultura.

Nós últimos anos ela tenta trabalhar a dimensão social e política da fé. É, em dois campos, que a dimensão pessoal da fé precisa ser mais desenvolvida, segundo seus organizadores, nas relações humanas e na espiritualidade. Nas relações humanas são necessários aprofundar os laços de afeição entre os irmãos da comunidade; trabalhar as relações de gênero em suas diferenças e em sua reciprocidade; rever as relações familiares numa ótica nova; recuperando a idéia de assistência, numa linha libertadora e não meramente assistencialista. No campo da espiritualidade trata-se finalmente de despertar e nutrir em cada pessoa essa fonte de água viva, que é uma vida espiritual própria. Combinando mística da luta e mística da gratuidade; integrando vida de oração em comunidade e oração pessoal.

Pode-se dizer que tudo isso tem a ver com a cultura. Pois trata-se de tocar no núcleo mais profundo e vital das convicções do povo. Cultivar essas convicções da fé em sua própria subjetividade é praticar a cultura mais profunda e radical.

Existem ainda outras questões culturais que desafiam as comunidades. São questões que emergem no seio da sociedade moderna em que elas vivem e da qual recebem influência. São, pois, desafios que envolvem a todos a título de questões gerais ou de valores universais. São eles a ecologia, a afetividade a técnica, a nova utopia e finalmente a nova sensibilidade religiosa.

A ecologia não é apenas uma questão atual, mas implica certamente uma nova cultura. A idéia dos direitos se alarga, as classes populares nessas questões são as maiores vítimas e por isso são convocadas a serem protagonistas.

A afetividade em particular a dos jovens da Igreja popular desde sempre se perguntam sobre o mundo dos sentimentos e das emoções. Não poderia ser diferente. Mas no espaço das relações entre os membros das CEB's, a afetividade se processa de um modo muito vivo no campo da fraternidade. Contudo, para ser bem vivido, tem de ser bem pensado e cultivado. E isso não só por razões grosseiramente estratégicas ou táticas mas pelos valores próprios presentes na afetividade. Superando o militarismo, importa descobrir formas de fazer militância de outro jeito sem esquecer a família e o lúdico.

Dentro desta questão hão de ser discutidas também a sexualidade, da corporalidade e do prazer, em suma, das questões da subjetividade. Todo esse mundo é sentido e vivido nas comunidades de forma espontânea e não-elaborada, às vezes mesmo contra o interdito que pesa sobre ele da parte dos agentes.

A tecnologia é o que determina a modernidade econômica. Os próprios camponeses estão incorporando novas tecnologias. Contudo, nas CEB's a tecnologia mais avançada é muitas vezes vista como inimiga por que é usada como arma de exploração e dominação do sistema. Nas CEB's, quando se pergunta, por exemplo, sobre o que fazer com as usinas atômicas, as hidroelétricas, os computadores, a resposta, é uma atitude de surpresa. Por não se aprofundarem nessas questões.

A crise do socialismo real provocou a crise também da idéia de uma nova sociedade e do caminho que levaria a ela. Entretanto, ao olharmos mais além, percebemos que permanece vivo o desejo de uma sociedade distinta, independente do nome que venha a ter: socialista, democrática, libertária, ou qualquer outro. Mais que uma sociedade distinta, tratar-se-ia de uma vida nova, de um mundo diferente, uma civilização alternativa, fundada na conjugação da liberdade e da justiça.

A nova utopia já não se contenta em sonhar apenas com a socialização dos meios de produção e a satisfação das necessidades primárias, ela pede agora qualidade de vida, uma nova civilização, que faça justiça às diferentes dimensões da vida.

Diante da nova sensibilidade religiosa as CEB's se confrontam não só com a religião popular tradicional, mas com as novas mudanças que estão se dando no campo religioso hoje em toda a sua extensão. Assim, é preciso que as CEB's se perguntem sobre qual é sua atitude frente ao processo de dessacralização da sociedade moderna, com o indiferentismo e o ateísmo de expressivos setores da mesma; frente às novas formas de expressão religiosa, as chamadas neo-religiões, especialmente frente ao fenômeno crescente das seitas; frente aos movimentos de renovação da religião tradicional, como os movimentos neo-conservadores: carismáticos, comunhão e libertação, catecumenato.

Aqui está um quadro das questões modernas ou pós-modernas, que dizem respeito a todos e para as quais a classe média se mostra sensível.

Por isso, uma pastoral específica de classe média, articulada em torno do eixo da opção pelos pobres, ajudaria as CEB's e se apropriaria dos valores ou desafios citados e a enriquecê-los ao mesmo tempo dando sua contribuição específica como pastoral.

4.3 - A atividade sócio-política das CEB's de Natal.

Através de uma pesquisa realizada pela comissão diocesana das CEB's de Natal. Foi constatado que uma em cada três comunidades realiza atividades sociais e também participa em alguma organização por melhores condições de vida.

Foi feito um levantamento perguntando pela existência de atividades sócio-econômicas, nas 54 comunidades cadastradas na Arquidiocese, e pela participação em organizações, movimentos e lutas por melhores condições de vida. Além da simples resposta "sim", foi solicitado, em cada questão, um exemplo de atividade, para confirmação da validade da resposta.

O número de casos, em cada uma destas possibilidades é: que possuem 33,3% de atividades sociais e econômica e participação em organizações e movimentos. 12,4% não possuem atividades sociais e econômicas e possuem participação em organizações e movimentos; 15,4% possuem atividades sociais e econômicas e não possuem participação em organização e movimentos; Enquanto 39,3% não possuem atividades sociais e nem participação em organizações e movimentos.

Em resumo, foi percebido que um número expressivo de comunidades eclesiais (cerca de 40%) não realiza nenhum tipo de atividades econômicas-sociais e também não apresenta nenhum tipo de participação em organizações e movimentos de transformação da sociedade. Cerca de 60% das comunidades estão inseridas em alguma das duas alternativas ou em ambas.

Foi feito um levantamento das semelhanças e diferenças existentes entre as comunidades urbanas e as rurais. E o levantamento das comunidades, constatou que elas possuem estruturas diferentes entre si e que estas diferenças não se dão por pertencerem as áreas geográficas distintas, mesmo que sejam grandes as disparidades econômicas e sociais entre elas. Fundamentalmente, as comunidades se diferenciam segundo a sua localização em zona rural e urbana.

A apuração do questionário comprovou que as comunidades de zona rural, ainda que mais numerosas, estão organizadas de forma mais fraca que as da periferia e cidade. Elas indagavam pela existência de "atividades para responder a necessidades sociais e econômicas locais." Observa-se que amenos de 40% das comunidades possuem algum tipo de organização.

É característica da comunidade católica rural, serem majoritárias, fortes nas celebrações dominicais sem padre e relativamente mais fracas na organização por conselho, e nas atividades sócio-econômicas e sócio-políticas. Nem sempre a diferença em relação às comunidades da cidade é tão grande, mas estas (as rurais) mostram que elas guardam muitos traços do catolicismo popular tradicional, tais como rezar o terço, ofício, fazer novenas.

Existe uma diversidade de comunidades, não dá para enquadrá-las em apenas dois ou três "tipos-ideais", o fato de pertencer a esta ou aquela área não aumenta nem diminui a possibilidade de que ela tenha mais atividade religiosa ou mais atividade políticas. Qualquer comunidade poderá encontrar uma outra que lhe seja bastante semelhante.

Foi constatado que a preparação para os sacramentos, tanto nas comunidades da zona rural como as de periferias urbanas apresentam um perfil semelhante: num primeiro plano, a preparação para a primeira eucaristia; logo após, para o batismo e para a crisma; bem mais abaixo, para o matrimônio. A frequência de celebrações eucarísticas aumenta da zona rural (mensais e anuais) para (semanais) e desta para as comunidades do centro (onde acontece celebrações diárias). Por isso, a existência de celebrações dominicais sem padre sejam bastante comum nas periferias urbanas e sobretudo na zona rural, e quase não acontece nas matrizes do centro.

Mesmo possuindo um maior número de participantes, as comunidades urbanas são, quantitativamente, fortemente minoritárias. Do total de comunidades levantadas em toda a arquidiocese, dois terços estão na zona rural, 17% na periferia urbana e 12% em Natal. Esta concentração na zona rural é preocupante, pois o índice de urbanização da população é muito elevado e isso mostra que a revitalização e reorganização comunitária nas cidades é um assunto atualmente de grande relevância.

A preocupação se torna ainda maior, quando se considera que as comunidades urbanas possuem características específicas. A dimensão prática da vida comunitária - representada pelas duas questões abertas sobre as atividades sociais e econômicas locais e sobre a participação em organizações e movimentos - opõe nitidamente a periferia urbana à zona rural, deixando as comunidades das cidades numa posição intermediária.

Na verdade, as respostas às duas questões sobre a dimensão prática da vida comunitária são fortemente correlacionadas. O que não está claro é se ambas são organizadas pelas mesmas pessoas. Pela mesma razão.

Outra constatação feita foi que existe maior ocorrência de atividades sociais e econômicas e de participação política, justamente nas comunidades em que a missa ocorre

com maior frequência e que, por outro lado, quanto mais freqüente a missa, maior a chance de serem realizadas as preparações para os vários sacramentos. Portanto, há uma forte correlação entre a dimensão celebrativa e a dimensão prática da vida comunitária. Não se pode dividir as comunidades entre aquelas que são só “espirituais” e aquelas que são só “políticas”.

Também a existência de grupos de reflexão e de conselho comunitário implica em maior ocorrência de atividades sociais e econômicas e de organização política. Isso condiz com outro resultado: a formação de conselhos possui uma relação positiva seja com a existência de grupos de reflexão, seja com a existência de celebração dominical sem padre. Por outro lado, as comunidades que não possuem nem atividades sociais e econômicas locais, nem participação em organizações e lutas, são comunidades que também não celebram.

Considerando-se um grande número de critérios ligados às dimensões celebrativas, reflexiva e prática da vida comunitária, bem como à própria forma de coordenação da comunidade, resulta uma oposição entre comunidades onde há, tendencialmente, a presença de todos estes critérios e onde não há a presença de nenhum destes critérios. Em outras palavras, há comunidades que são dinâmicas - e isto implica em assumir todas as dimensões da vida comunitária. E comunidades que não são dinâmicas - e que não conseguem desenvolver nem mesmo uma destas dimensões, de forma isolada. É sem dúvida muito importante compreender as consequências desta integração entre celebrar, refletir e praticar sobre o próprio conteúdo destas três dimensões da vida comunitária.

O fato é que, nos anos 90, a reestruturação industrial gerou o “enxugamento” de empresas do setor formal e o crescimento da terceirização. Parte da queda do emprego industrial passou a ser atribuída à passagem de atividades de empresas industriais para as pequenas empresas do setor informal. Tudo isso gerou desigualdade entre os ganhos salariais - de autônomos, informais e formais (carteira assinada).

Para as comunidades da periferia é de fato difícil ter esperança diante desse quadro, social. O agir estratégico parece estar por toda parte, no trabalho, na condução, na política, na mercantilização do lazer, da saúde, da educação e na própria religião - contudo, as CEB's engana-se, caso julgue apresentar aos seus membros algo radicalmente novo. Neste contexto, o papel das CEB's não é cognitivo, mas sobretudo, prático: ela tenta provar que a alteridade continua sendo possível.

As CEB's representa um espaço onde a ética comunicativa possui legitimidade. Anunciando um sagrado diante do qual nenhuma estratégia é possível, ela prova que há algo

mais do que estratégias. Tal prática da alteridade possui conseqüências sobre as outras esferas do mundo da vida das pessoas e mesmo do sistema econômico e político. Assim a racionalidade operando nas CEB's pode ser um fator de um outro tipo de modernização para a sociedade.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“É Graça Divina começar bem.
Graça maior persistir na caminhada certa.
Mas Graças das graças é não desistir nunca”.*

D. Helder Câmara.

Os primeiros registros da ação das CEB's data de 1960, mas foi a partir de 1970 que se tornavam atuantes na Igreja e visíveis na sociedade brasileira.

A pesquisa histórico-analítico sobre as comunidades eclesiais de base como realidade pastoral, levou-nos à análise de inúmeros relatórios e se percebeu que existem tensões entre princípio social e princípio religioso, entre o laical e o clerical, entre base e cúpula eclesial, entre ideologia e interesses. Tudo isso apareceu permeado com a própria dinâmica das comunidades, no seu esforço eclesial e popular cotidiano. Durante a década de 1970 a 80, no Brasil, as CEB's foram os únicos canais aberto de expressão dos anseios populares referidos as questões políticas, econômicas, culturais e sociais.

No âmbito local, pudemos perceber pelas evidências levantadas, que, de fato, Natal nas décadas de 70 a 2000, esteve inserida dentro do contexto dos Intereclesiais e articulação das comunidades nos bairros da periferia, mais precisamente em Nova Descoberta, Felipe Camarão, Dix-sept Rosado, Rocas, Planalto e Cidade da Esperança.

Neste aspecto; podemos concluir que a Igreja de Natal, realmente incentivou-as no momento em que as CEB's estavam no auge e ignorou-as no momento em que elas iam de encontro com os seus interesses particulares, tais como o incentivo aos movimentos pentecostais (Renovação Carismática) e devocionários (Mãe peregrina, e rosário bisantino).

Fica claro que o tema precisa de novas e mais profundas explicações. Outras monografias são fundamentais para que isso ocorra, sobretudo, fundamentadas em fontes primárias e/ou fontes orais. No entanto isso não significa dizer que a bibliografia (nacional) existente esteja exaurida. Ao contrário, são contribuições que carecem de uma releitura crítica.

Este trabalho pretende ser útil à comunidade científica e a todos os agentes de pastoral a fim de que entendam melhor e aprofundem a vivência concreta do que as CEB's são na Igreja e na sociedade. Que possa ajudar, oferecendo uma idéia mais clara do que elas são e incentive o interesse, de muitos, pelas comunidades eclesiais de base.

6 - FONTES

BARREIRO, Álvaro. As comunidades eclesiais de base como modelo inspirador da nova evangelização. **Perspectiva Teológica** Rio de Janeiro, n. 64, 1992.

BOFF, Clodovis. A influência política das comunidades eclesiais de base. **SEDOC**, v. 11, n. 118, p. 797-818, 1979.

_____. Em que ponto estão hoje as CEB's? **REB**, v. 46, n. 183, p. 527-538, 1986.

_____. Comunidade eclesiais de base e culturas. **In: CEB's - cidadania e modernidade: uma análise crítica.** São Paulo, Paulinas, 1993.

BOFF, Leonardo. CEB's: a Igreja inteira na base. **REB**, v. 43, n. 171, p. 459-470, 1983.

_____. Uma análise de conjuntura da Igreja Católica no final do milênio. **In: ISER / ASSESSORIA (Org.). Reflexões sobre a conjuntura.** Rio de Janeiro, 1995.

COMUNIDADES, Igreja na Base - coleção. São Paulo: Paulinas, 1982 (Estudos da CNBB, 3).

FRISOTTI, Heitor. Teologia, racismo e mestiçagem. **REB**, v. 52, n. 208, p. 833-845, 1992.

LIBÂNIO, João Batista. Uma comunidade que se redefine. **SEDOC**, v. 9, n. 95, p. 293-326, 1976.

_____. CEB's: Igreja em busca da terra prometida. **REB**, v. 46, n. 183, p. 489-511, 1986.

_____. VIII Encontro Intereclesial das CEB's (eventos no evento) **REB**, v. 52, n. 208, p. 789-800, 1992.

_____. Finalidade e significado dos intereclesiais. **In: DIÁLOGO CNBB - CEB's.** Brasília, 1995.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro. Igreja e modernidade: o caminho das CEB's. **REB**, v. 52, n. 208, p. 814-820, 1992.

PAULO VI. Discurso de Encerramento do Sínodo dos Bispos. **REB**, v. 34, n. 136, p. 945, 1974.

SOUZA, Luiz Alberto Gomes. A política partidária nas CEB's. **REB**, v. 41, n. 164, p. 708-727, 1981.

SUNG, Jung Md. A massa dos excluídos e sua organização. **In: CEB's: vida e esperança nas massas: texto base.** São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1996.

7 - BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- ANDERSON, Perry. **Balanco do neoliberalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco zero, 1984.
- BEOZZO, José Oscar. **A igreja do Brasil de João XXIII a João Paulo II: de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. (Org.). **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. In: **História geral da Igreja na América Latina**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BETTO, Frei. **CEB's: rumo à nova sociedade: o V Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base**. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BOFF, Clodovis. **As comunidades de base em questão**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- BOFF, Leonardo. **As eclesiologia presentes nas comunidades eclesiais de base**. In: BOFF, Leonardo et al. **Uma igreja que nasce do povo**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. **E a igreja se fez povo. Eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. **Carisma e poder**. São Paulo: Ática, 1994.
- COMPÊNDIO do Vaticano II. Rio de Janeiro, Vozes, 1968.
- CONCLUSÕES da Conferência de Medellín - 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.
- CONCLUSÕES da Conferência de Puebla - 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CONCLUSÕES da Conferência de Santo Domingos. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FERNANDES, Dom Luiz. **Gênese das CEB's do Brasil**. In: INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (Org.). **Pastoral da Igreja no Brasil nos anos 70: caminhos, experiências e dimensões**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- HOBBSAWM, Eric. **Adeus a tudo aquilo**, In: BLACK BURN, R. (Org.) **Depois da queda**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. **Evolução política dos católicos e da igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MESTERS, Carlos. **Flor sem defesa: uma explicação da bíblia a partir do povo.** Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. **O futuro do nosso passado. In: et al. Uma igreja que nasce do povo.** Petrópolis: Vozes, 1975.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SOUZA, Luiz Alberto Gomes. **Classes populares e igreja nos caminhos da história.** Petrópolis: Vozes, 1982.

TEIXEIRA, Faustina L. **A fé na vida: um estudo teológico - pastoral sobre a experiência das comunidades eclesiais de base no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1987.

VALLE, Rogério; PITTA, Marcelo. **Comunidades eclesiais católicas.** Petrópolis: Vozes, 1994.

8 - ANEXOS

1 - Celebração de abertura do 10º Intereclesial - Ilhéus-BA.

Mostra do ecumenismo da CEB's.



2 - Grande celebração das CEB's por "uma Terra sem males".

Ilhéus-BA, julho de 2000.



3 - As CEB's promovendo eventos de massa.

Romaria das Comunidades - Ilhéus-BA, julho de 2000.



4 - A Arquidiocese de Natal realiza o 1º Natal das comunidades em dezembro de 1998.



5 - As CEB's se reúnem em seminários para estudar sua identidade e atuação na Igreja e na sociedade.

Arquidiocese de Natal - julho de 1995.



6 - Momento de festa - celebração em uma comunidade da periferia de Natal.

Felipe Camarão - Páscoa de 1997.

